

# Aureliano Lessa

edição, apresentação e notas por

*José Américo Miranda*



# POESIAS

S

.12

0

FALE  
FACULDADE DE LETRAS  
LIVRO



Aureliano Lessa

# POESIAS

Edição, apresentação e notas  
por  
José Américo Miranda

U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



19110000E

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

**FALE**  
FACULDADE DE LETRAS  
**FALE**



Belo Horizonte  
2000

Copyright © 2000 by Faculdade de Letras da UFMG

Capa  
*Jairo Alvarenga Fonseca*

Ilustração  
*Mirella Spinelli*  
Produção Gráfica  
*Autêntica Editora*

---

1.638p Lessa, Aureliano José (1828-1861)  
Poesias / Aureliano José Lessa ; apresentação e notas por José Américo Miranda. — Belo Horizonte : Autêntica, 2000.

160p.

ISBN 85-87470-07-8

1. Poesia brasileira. 2. Miranda, José Américo. I. Título

CDU: 869.0(81)-1

---

Faculdade de Letras da UFMG

Diretora Eliana Amarante de Mendonça Mendes  
Vice-diretora Veronika D. E. Benn-Ibler

**Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários**

**Colegiado do Programa**

**Representantes docentes titulares:** Ruth Junqueira Silviano Brandão (coordenadora), Julio Cesar Jeha (subcoordenador), Maurício Salles de Vasconcelos, José Américo de Miranda Barros, Eliana Lourenço de Lima Reis, Vera Lúcia de Carvalho Casa Nova

**Representante discente titular:** Camila de Castro Diniz Ferreira

**Representantes docentes suplentes:** Myriam Corrêa de Araújo Ávila, Ana Maria Clark Peres, Sandra Regina Goulart Almeida, Reinaldo Martiniano Marques

**Representante discente suplente:** Olga Valeska Soares Coelho

**Secretária:** Leticia Magalhães Munaier Teixeira

**Equipe de Estagiários da Oficina Multimídia de Textos**

Alexandre Rodrigues da Costa, Maíza Franco e Renato Cardoso Corgosinho

2000

Faculdade de Letras da UFMG  
Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha  
Belo Horizonte - MG - CEP 31270-901  
Fone: (031)499-5102 - Fax: (031)499-5120

univ. de let. -  
BIBLIOTECA UNIVERSITARIA  
29 / 11 / 2000

1911000-06

ELIENARA  
BELO HORIZONTE

## SUMÁRIO

---

Aureliano Lessa, poeta do Cosmos .....	07
Critérios desta edição das poesias.....	15
Poesias	
A criação.....	19
Hino da criação.....	22
O sol.....	25
À tarde.....	28
Duas auroras.....	31
A minha estrela.....	33
À noite.....	35
O eco.....	36
A Diamantina.....	39
A Diamantina.....	40
Desesperança.....	42
Consolação.....	44
Saudade.....	46
Amargura.....	47
Soneto.....	48
Soneto.....	49
Desprezo à glória.....	50
Despedida.....	51
Desengano.....	53
O poeta agonizante.....	54
Último canto da anacoreta.....	57
Consolação na morte.....	59
O poeta.....	60
Eu.....	63
Entusiasmo.....	64
Mote/Glosa.....	66
Tu.....	68
Tristeza.....	69
Ela.....	70
A minha rosa.....	71
Canto de amor.....	74
Gratidão.....	77
Queixa.....	78
Só se pode amar no céu.....	79

Que é amor?.....	81
Mensagem.....	83
A.....	86
Canção.....	88
Extasis.....	89
A rosa branca.....	90
Desengano.....	91
À morte de um passarinho.....	93
Leviana.....	94
Ciúmes.....	95
A uns anos.....	96
Aos anos de uma senhora.....	98
No túmulo de um infante.....	100
À morte de um amigo.....	101
À morte de José Jacinto.....	102
Nas carneiras da Igreja de S. Francisco de Assis, em Diamantina.....	103
“Enxuga, Augusta, o teu pranto”.....	104
Improviso.....	105
Décima (improviso).....	106
Visão.....	107

Variantes; notas aos versos; gralhas e curiosidades das outras edições.....	111
--	-----

#### Apêndices

I - Aureliano Lessa, por Bernardo Guimarães .....	133
II - Carta do Pe. Severiano.....	143
III - Prefácio, por Augusto de Lima.....	145
IV - A morte de Aureliano Lessa, pelo Padre D. P. de Oliveira.....	149
V - Meus votos.....	153
VI - Índice da primeira edição.....	155
VII - Índice da segunda edição.....	157

Referências bibliográficas.....	159
---------------------------------	-----

O poeta Aureliano José Lessa era daqueles que se abandonam à vida e à existência sem as preocupações mundanas e miúdas que afetam a rotina das pessoas comuns. Nisso, e não só nisso, ele adquiriu uma aura de poeta romântico típico, em que aparece para nós como um ser excepcional, dotado de gênio, desdenhoso da vida, caracterizado por um total desapego às coisas do mundo. Sua figura humana deixou tão vivas impressões naqueles que o conheceram, e o que restou de sua obra foi tão pouco, que Sílvio Romero, escrevendo sobre ele, chegou a fazer a seguinte afirmação: “Lessa não vale pelo que fez; vale pelo que era. Poeta de talento, como tal deve ser tratado.”<sup>1</sup> Como costumava fazer, o polêmico Sílvio Romero misturou um juízo adequado (“vale pelo que era”) a outro com o qual não podemos concordar nem mesmo parcialmente (“não vale pelo fez”). Esta apresentação à obra do poeta e esta edição pretendem, justamente, fazer valer o poeta por aquilo que ele fez, o que, evidentemente, há de confirmar a idéia importante de que ele vale, também, pelo que era.

Nascido em Diamantina, em 1828, Aureliano, depois de haver estudado em Congonhas do Campo (MG), deu início aos estudos de Direito na Academia do Largo de São Francisco, em São Paulo, justamente na ocasião em que aquela instituição de ensino agregou, como em nenhum outro momento, figuras decisivas para o desenvolvimento da cultura literária no Brasil. Em São Paulo, o jovem diamantinense foi contemporâneo de Álvares de Azevedo e de Bernardo Guimarães. Os três poetas conceberam a idéia de publicar, juntos, as *Três liras*, mas o projeto não chegou a se

<sup>1</sup> ROMERO, 1943, v.3, p. 286.

concretizar.<sup>2</sup> Apenas a *Lira dos vinte anos*, de Álvares de Azevedo, chegou a ser publicada, ainda assim postumamente.

Diz-se que Aureliano Lessa não foi muito aplicado nos estudos e que não se embebeu da cultura erudita de seu colega precocemente desaparecido. Teria sido resultado de sua índole pouco afeita aos estudos intensos e à concentração disciplinada a reprovação que sofreu no último ano do curso, que o levou a se transferir para a Faculdade de Direito de Olinda (PE), onde se diplomou em 1851. Deve ter contribuído para a acentuação dessa idéia o fato de o poeta não haver, ele mesmo, reunido sua obra em livro. Daí, talvez, o fato de as avaliações posteriores da crítica lhe terem sido, em geral, desfavoráveis. Esse último aspecto, o das avaliações críticas, em nosso entendimento, necessita ser revisto. Um dos pontos freqüentemente assinalados como problemáticos para a valorização da obra desse poeta de Diamantina tem sido o seu relaxamento formal. Quanto a isso, devemos lembrar que os julgamentos acerca dos aspectos técnicos de sua poesia foram feitos sempre à luz da técnica do verso segundo os padrões introduzidos pela reforma de Antônio Feliciano de Castilho, cujo *Tratado de metrificação portuguesa* foi dado à luz em 1851. Considerado esse fator, é preciso estar atento ao fato de que a aplicação dos critérios de Castilho na avaliação técnica dos versos dos poetas dessa geração pode resultar em equívocos. Uma avaliação mais apropriada e correta, antes de taxar esse ou aquele verso de "errado", implicaria um profundo conhecimento das normas poéticas anteriores à reforma. Entretanto, mesmo à luz dos critérios de Castilho, os versos do poeta apresentam uma qualidade forte, que lhes assegura a sobrevivência na história.

Depois de diplomado em Olinda, voltou Aureliano para Minas Gerais, onde foi nomeado funcionário da Tesouraria Provincial de Ouro Preto. Nesse cargo, permaneceu ele por pouco tempo; logo

<sup>2</sup> Diversos autores, entre eles Sacramento Blake, Waltensir Dutra e Fausto Cunha, afirmam que a obra planejada deveria intitular-se *Três liras*; Silvio Romero fala em *As três liras*. Wilson Martins (1978, v.2, p. 490), entretanto, informa que Couto de Magalhães "revela que, em 1851, Álvares de Azevedo, Bernardo Guimarães e Aureliano Lessa pretendiam publicar, sob o título 'Lira dos Vinte Anos', um volume coletivo com as primícias de sua produção poética [...]". Sacramento Blake informa que Couto de Magalhães ocupou-se do poeta na *Revista da Academia*, S. Paulo, 1859, p. 309.

se exonerou e passou a dedicar-se profissionalmente à advocacia, que exerceu em Diamantina e na cidade do Serro. Nessa cidade morreu a 21 de fevereiro de 1861, com 33 anos de idade.

Gênio folgazão, perdulário que era com relação a tudo o que dizia respeito às suas produções, o poeta fez versos sem nenhuma preocupação de juntá-los, aparentemente sem nenhuma vaidade de homem de letras. Confiante apenas em seu talento, limitou-se a dar expressão às necessidades de seu espírito, o que fez com boa técnica e com um domínio da linguagem poética comparável à dos melhores poetas de seu tempo. O que hoje lhe conhecemos da obra salvou-se do esquecimento graças aos esforços e à dedicação de seus irmãos, particularmente de Francisco José Pedro Lessa, que publicou o que conseguiu reunir doze anos depois da morte do poeta.<sup>3</sup> Francisco Lessa era comerciante no Rio de Janeiro e, segundo Sacramento Blake, “fizera em 1867 uma declaração, no *Diário do Rio de Janeiro* de 22 de maio, de se achar colecionando suas [do irmão Aureliano] composições poéticas, prometendo até remuneração pecuniária a quem lhe fornecesse os manuscritos ou cópias do que procurava.”<sup>4</sup> Sendo assim, como avalia o próprio Sacramento Blake, é “de presumir que faltem muitas [das poesias escritas pelo poeta] na coleção.”

Para essa primeira edição das *Poesias póstumas*, encomendou Francisco José Pedro Lessa um prefácio a Bernardo Guimarães, que o redigiu ao tempo em que era, segundo Alexandre Eulálio, mestre de Francês, Vernáculo e Latim na cidade de Queluz de Minas.<sup>5</sup> O prefácio de Bernardo Guimarães foi escrito nesta cidade ou em Ouro Preto, e o poeta confessa que o redigiu sem ter à vista os poemas do amigo morto. Em decorrência das circunstâncias, não pôde Bernardo Guimarães exercer com precisão a atividade crítica que lhe fora solicitada, limitando-se, então, a relatar suas lembranças de Aureliano.<sup>6</sup>

Trinta e seis anos mais tarde, Joaquim José Pedro Lessa, outro irmão do poeta, reeditou as *Poesias póstumas*, acrescentando-lhes alguns versos de circunstância que escaparam ao organizador da pri-

<sup>3</sup> LESSA, Aureliano. *Poesias póstumas*. Rio de Janeiro: Tipografia da Luz, 1873.

<sup>4</sup> BLAKE, 1970, v.1, p. 372.

<sup>5</sup> Cf. EULÁLIO, 1992, p. 230.

<sup>6</sup> Esse texto de Bernardo Guimarães pode ser lido nesta edição, no Apêndice I.



meira edição.<sup>7</sup> Traz essa nova edição, além do prefácio do ilustre Bernardo Guimarães escrito para a primeira, uma carta de um Pe. Severiano,<sup>8</sup> excusando-se de não poder redigir-lhe um prefácio, e um prefácio redigido por Augusto de Lima.<sup>9</sup>

Sobre os organizadores das duas edições das *Poesias póstumas*, comenta Alexandre Eulálio que foram eles “tão dedicados à sua memória [de Aureliano Lessa] quanto alheios à literatura” e que reuniram “sem maior ordem poesias ‘filosóficas’ e amorosas, modinhas e quadras, improvisos e epigramas, tudo em menos de 150 páginas.”<sup>10</sup> Em consonância com esse ponto de vista, e tentando organizar as poesias do autor, adotamos nesta edição uma redistribuição dos poemas no livro,<sup>11</sup> assim como cuidamos de dar-lhes, com base nas fontes de que dispusemos, a melhor forma possível, levando sempre em conta aquilo que julgamos ser o interesse da literatura. Também suprimimos do título da obra o adjetivo “póstumas”, porque não nos move mais o afeto que movia os irmãos do poeta, que conduzia a atenção mais para a memória dele do que para o interesse literário de sua obra. Não é nossa prioridade, hoje, lembrar que o poeta já morreu (isso é um fato), mas, sim, que sua obra lhe sobreviveu e que sua voz nos fala por meio dela. Enfim, interessa-nos mais a poesia. Interessa-nos lembrar que a cidade de Diamantina tem em sua história, entre outros, um poeta relevante para a história literária do país e que merece ser lembrado.

Se o poeta merece ser lembrado, estudado, revisitado, há de haver um porquê. Há de haver em sua obra um interesse específico e que acrescente à literatura romântica brasileira um matiz novo. Se o poeta foi dado como desleixado, e o foi, pelo menos no tocante à

---

<sup>7</sup> LESSA, Aureliano. *Poesias póstumas*. Belo Horizonte: Beltrão & Comp., 1909.

<sup>8</sup> Não podemos ter certeza, mas esse Pe. Severiano deve ser o poeta e cronista Cônego Severiano de Campos Rocha, que, segundo Alexandre EULÁLIO (1992, p.237), foi o primeiro diretor de *A Estrela Polar*, órgão do Arcebispado de Diamantina, fundado em 1903 por D. Joaquim Silvério de Sousa.

<sup>9</sup> A carta do Pe. Severiano constitui o Apêndice II a esta edição; e o prefácio de Augusto de Lima, o Apêndice III.

<sup>10</sup> EULÁLIO, 1992, p. 211.

<sup>11</sup> Os Apêndices VI e VII deste livro são os índices, respectivamente, das edições de 1873 e 1909; neles pode ser encontrada a seqüência em que se encontram os poemas em cada uma delas. Os poemas acrescentados à segunda, embora pertençam todos à classe dos versos de circunstância, foram espalhados como que aleatoriamente pelo livro.

reunião de sua obra, não o foi no aspecto técnico, como muitos críticos pretendem fazer crer. Se ele não foi bem editado, porque os que o editaram tinham mais interesses afetivos que literários, esta edição pretende resgatar essa dívida. Ainda que ele tenha merecido o reconhecimento de Manuel Bandeira, Edgard Cavalheiro e Péricles Eugênio da Silva Ramos, que incluíram poemas seus em antologias da poesia romântica brasileira, sua obra não foi dada a conhecer no que tem de melhor e de mais particular. O critério adotado na seleção de seus poemas para as antologias nos parece, hoje, fundado numa idéia muito geral do que tenha sido o Romantismo. Em outras palavras, o preconceito quanto ao que deveria ser a poesia romântica parece ter determinado as escolhas.

A contribuição específica da obra de Aureliano Lessa para a poesia de seu tempo decorre de um certo número de fatores. Alexandre Eulálio aponta, nela, um “pitoresco descritivo, raro na época”, e, no poeta, uma capacidade notável de harmonizar o sentimento espontâneo da paisagem com a sugestão moral. Esse crítico reconhece, em certos aspectos da poesia de Aureliano, o efeito do “estudo atento dos arcades”; em outros, “algo do frêmito dos pré-românticos”.<sup>12</sup> A essas características, que assinalam o poeta compenetrado dos encargos de sua arte, podemos acrescentar um notável soneto, que é testemunho inequívoco de haver sido o poeta um leitor atento dos clássicos quinhentistas e seiscentistas:

Faço timbre uma vez de aborrecer-te,  
Mil vezes faço timbre de adorar-te,  
Tuas faltas de amor mandam deixar-te,  
Minha viva paixão manda querer-te.

Se procuro, cruel, deixar de ver-te,  
A tristeza me cerca em toda a parte;  
Se, para alívio meu, busco falar-te,  
Sinto n’alma pesar de conhecer-te!

Oh! tu, causa cruel de meus tormentos,  
Oh! tu, querida ingrata! minha sorte  
Ouve; escuta meus ais e meus lamentos!

Já que viver não posso em tal transporte,  
Já que o céu não me muda os sofrimentos,  
Ou muda tu de gênio, ou dá-me a morte!

---

<sup>12</sup> EULÁLIO, 1992, p. 195-197.

A nota particular de sua poesia, entretanto, parece-nos vir, acima de tudo, da cosmologia que lhe alimentou os temas. A dimensão infinita do universo forneceu ao poeta motivos e elementos plásticos que conferem à sua obra um tom específico e uma força expressiva peculiar, isenta tanto da religiosidade do romantismo em seus começos como do ultra-romantismo piegas e sentimental – aos quais, diga-se de passagem, a obra do poeta tem sido sistematicamente associada. Com relação a esse aspecto, a poesia de Aureliano Lessa, que vinha sendo interpretada ora como religiosa, ora como satânica e byroniana, tem na avaliação de Alexandre Eulálio um julgamento que nos parece mais justo. Entre outras importantes observações, ele viu na cosmogonia de Aureliano a figura de um Deus que foi simplesmente “motor inicial”, que apenas pôs em movimento a máquina do mundo. Esta, desde então, foi abandonada a seu próprio destino e anda entregue a si mesma.

O abandono e a miséria do homem diante da infinitude do universo traduzem-se em linguagem plástica, como na estrofe que se segue, do poema “A criação”, que escolhemos para a abertura do livro:

No meio da harmonia do Universo  
Deus despertou o homem,  
Lançando sobre a terra um véu de nuvens  
Que ao seu olhar o somem.

Os versos traduzem bem, em modo figurado, o alheamento de Deus com relação às coisas criadas, particularmente ao homem, que a tradição religiosa ocidental sempre colocou no centro de seu sistema de pensamento.

Se a poesia de Aureliano revela, apesar das opiniões contrárias, o conhecimento sério que tinha o poeta de sua arte e da tradição poética de nossa cultura, ela também – para além do que possui de seu próprio tempo, como os temas noturnos e a atração pela morte – anuncia algo do futuro. Na dimensão cósmica de suas imagens, Alexandre Eulálio pressente a linguagem da poesia científica do final do século XIX. Convém lembrar, para que não passe despercebido o interesse histórico dessa vertente poética, que ela abriu caminho para um poeta do porte de Augusto dos Anjos.

Os poemas cósmicos de Aureliano foram os escolhidos para a abertura deste livro porque neles nos parece residir a mais original das suas contribuições para o nosso Romantismo. Seguem-nos, em

progressiva aproximação à situação concretamente vivida pelo poeta, os poemas em que predominam imagens dos confins do universo, passando pelos fenômenos atmosféricos e naturais (sempre aéreos e imateriais), até chegar aos poemas cujas imagens encontram equivalências no mundo físico e próximo. Isso se faz por intermédio da cidade de Diamantina. Os dois poemas dedicados à cidade natal do poeta ocupam um lugar de destaque na composição do livro; eles desempenham aí um papel de divisor de águas. A partir deles ganha espaço nos poemas a dimensão interior da vida, em que a realidade exterior do cosmos volta a se espelhar. Nesse sentido, Aureliano Lessa foi um perfeito romântico, pois, em sua poesia, os aspectos exterior e interior da realidade como que se fundem. Diz ele, em “Desesperança”:

Ergue as vistas ao céu, e se és poeta,  
Arremessa o olhar como uma seta  
Para além do hemisfério:  
Que encontras nesses páramos profundos?  
Mundos, céus ao redor, mais céus, mais mundos,  
– Deus envolto em mistério!

Nesses versos, a realidade interior (“Desesperança”) só encontra símile, em imagens tomadas à realidade exterior, na dimensão cósmica do mundo. O poeta chega ao oxímoro (“páramos profundos”), subvertendo a ordem espacial, confundindo as noções de em baixo e em cima, para encontrar um símile de sua experiência interior. Para isso, foram necessárias a dimensão cósmica do universo, em sua infinitude e abertura (“Mundos, céus ao redor, mais céus, mais mundos”), e a palavra-chave, que tudo explica: “Deus envolto em mistério!”

Em “Consolação”, a dimensão minúscula e finita do ser humano é enfatizada pela oposição à dimensão cósmica, que o abate e sufoca:

Em vão! Se meu olhar o céu percorre,  
Encontra a face pálida da lua  
Tão calma e tão contrita...  
Então nos lábios a blasfêmia morre,  
Então, Senhor, bendigo a dor que estua  
Nesta minh’alma aflita.

Em seguida aos poemas da vida interior, define-se o poeta a si mesmo, em poemas como "O Poeta" e "Eu". E a esses seguem-se os poemas de amor, em que se tornam mais freqüentes os versos de arte menor. Provavelmente pertencem a esse grupo as canções musicadas pelo poeta e que ele costumava cantar ao violão, despretensiosamente segundo alguns autores.

„Se aplicássemos aqui raciocínio igual ao que fizemos para o homem de letras, poderíamos supor no músico o mesmo refinamento do poeta. A recuperação de algumas dessas canções poderia ajudar no esclarecimento dessa dúvida (e dessa dívida). Alexandre Eulálio externou a opinião de que "A minha estrela", de sua autoria, é "uma das mais belas modinhas imperiais."<sup>13</sup>

A convivência da arte da música com a da poesia na literatura brasileira permanece por ser estudada e melhor esclarecida. Desde Gregório e Eusébio de Matos, ambos poetas e músicos, passando por Tomás Antônio Gonzaga (que teve diversas liras musicadas no século XIX por autor desconhecido, talvez o maestro Marcos Portugal), por Cláudio Manuel da Costa (a quem Lindolfo Rocha, numa passagem do romance *Maria Dusá*, atribui a autoria da letra de uma modinha triste cantada por uma das personagens com acompanhamento de violão), por Domingos Caldas Barbosa, que foi célebre músico, por Domingos Borges de Barros, Castro Alves e tantos outros poetas que tiveram suas obras musicadas, a relação entre as duas artes tem sido mais intensa do que se tem propalado. Sendo assim, o caso Aureliano Lessa, no que diz respeito à música, não é exceção; pertence, ao contrário, à regra.

Ao final do livro foram agrupados os poemas de circunstância, dos quais os seis últimos foram publicados apenas na segunda edição das *Poesias póstumas*. Fecha o livro o poema em prosa "Visão".

Passados quase cento e cinqüenta anos da morte do poeta, sua obra ganha nova edição, em que não foram poupados esforços para fazer casar a qualidade do texto com a do poeta. Estamos muito seguros de que ele merece a atenção que lhe dispensamos.

---

<sup>13</sup> EULÁLIO, 1992, p. 199.

Esta edição foi preparada com base nas duas edições existentes das *Poesias póstumas* de Aureliano José Lessa. A primeira foi publicada no Rio de Janeiro (Tipografia da Luz, 1873) e a segunda em Belo Horizonte (Beltrão & Comp., 1909). A primeira edição será, aqui, denominada **A**, e a segunda, **B**. Foram também utilizadas, para cotejo, no caso de alguns poemas, as seguintes obras: *Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica*, de Manuel Bandeira (Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1949), aqui denominada **C**; *Panorama da poesia brasileira II: o Romantismo*, de Edgard Cavalheiro (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959), aqui denominada **D**; e *Poesia romântica: antologia*, de Péricles Eugênio da Silva Ramos (São Paulo: Melhoramentos, 1965), aqui denominada **E**.

Os trabalhos de edição foram desenvolvidos na Oficina Multimídia de Textos da Faculdade de Letras da UFMG, onde, sob minha orientação, durante o ano letivo de 1997, trabalharam os estagiários Alexandre Rodrigues da Costa, Maíza Franco e Renato Cardoso Corgosinho.

Embora não se trate de uma edição crítica, procuramos registrar o máximo possível de divergências que existem entre as edições consultadas. Nossas escolhas recaíram sempre sobre as soluções que nos pareceram as melhores, já que nenhuma das edições é mais autorizada que a outra. As variantes não aproveitadas no texto desta edição ficaram consignadas no aparato crítico que se segue às "Poesias". Nele, as notas foram divididas em quatro categorias –

Nota, Variante, Gralha e Curiosidade – assinaladas, respectivamente, pelas letras N, V, G, C, entre colchetes. As “Notas” incluem informações, observações ou comentários sobre os versos ou poemas; as “Variantes” apresentam as divergências textuais entre as edições consultadas que foram consideradas variantes plausíveis para os versos (encontram-se nesta categoria praticamente todos os casos de variações de pontuação); as “Gralhas” registram os erros, falhas ou enganos tipográficos presentes nas edições anteriores; e as “Curiosidades” registram oscilações curiosas entre as edições, que não são gralhas nem variantes verdadeiras, mas que julgamos de interesse para estudiosos da língua (encontram-se nesta categoria algumas variações no modo de grafar as palavras ou alguma pontuação esdrúxula, por exemplo). Há notas que pertencem a mais de uma dessas categorias; e se a pertença a alguma delas é, às vezes, duvidosa – assinalamos essa dúvida por um ponto de interrogação em seguida à letra (N, V, G, C) que acompanha a nota, dentro dos colchetes.

Nas raras ocasiões em que o texto ora publicado não reproduz fielmente nenhuma das lições textuais cotejadas, todas estas foram registradas no aparato crítico, e a versão publicada resultou sempre da combinação de soluções presentes nas variantes, jamais resultando de intervenção arbitrária do responsável por esta edição. Fazem exceção a essa regra o fechamento das aspas no poema “O Eco”, que não existe em nenhuma das edições consultadas, assim como o acréscimo de uma vírgula a um dos versos do poema “Ela” e o de um ponto final num verso do poema “À morte de José Jacinto”.

A ortografia dos textos foi atualizada, conforme a Reforma Ortográfica de 1943 e com as alterações determinadas pela Lei nº 5.765, de 1971. Foram conservadas, entretanto, as iniciais maiúsculas e minúsculas presentes no texto, excetuados os casos em que se pôde escolher, devido às diferenças entre as edições consultadas. Nesses casos procurou-se atender ao valor expressivo e não às recomendações normativas.

*José Américo Miranda*

# POESIAS



## A CRIAÇÃO

Quando tudo era Deus, quando só Ele  
Pejava o horror do espaço;  
Deus disse: – É bom que surja o Universo,<sup>1</sup>  
Recuemos um passo. –

Depois coa destra contraindo o vácuo  
Informe, e tenebroso,  
Deixou cair o Universo inteiro  
No espaço luminoso:<sup>2</sup>

O silêncio expandiu-se; era um sussurro  
De sublime harmonia;  
Hino da vida, porque o sol girava  
O primitivo dia.

Um chuveiro de mundos despenhou-se  
Pelos desertos ares,  
Como a saraiva, ou como os grãos de areia<sup>3</sup>  
Lá no fundo dos mares.

Rolava a terra verde, e a lua pálida,<sup>4</sup>  
Ia a noite após elas;<sup>5</sup>  
Mas caiu sobre as trevas, que fugiam,<sup>6</sup>  
Uma chuva de estrelas.

Os cometas correram desgrenhados,  
Quais prófugos do inferno,  
Levando aos astros dos confins da esfera  
Os decretos do Eterno.

Do seu leito de abismos o oceano  
Tenta em vão levantar-se;<sup>8</sup>  
Vem tombando, mugindo e espumando<sup>7</sup>  
Coas terras abraçar-se.

Abre o condor as asas sobre as nuvens,<sup>8</sup>  
Leviatã os mares;<sup>9</sup>  
E os jubados leões, bramindo atroam  
Os ecos dos palmares.

Vêm descendo dos montes, debruçados  
Como enormes serpentes  
Pelas campinas, té beber no oceano,<sup>10</sup>  
Os rios e as correntes.

Os pássaros cantando; a luz da aurora<sup>11</sup>  
Flóreos botões desata;  
A selva freme, a viração murmura,  
Sussurrando a cascata.

Imóvel nos umbrais da Eternidade,  
Té li o tempo estava;<sup>12</sup>  
Mas após o primeiro movimento  
Já veloz caminhava.

Então milhões de mundos, e mais mundos,<sup>13</sup>  
Céus, e céus ao redor,  
Todos em brado universal cantaram  
Hosana ao Criador.

No meio da harmonia do Universo  
Deus despertou o homem,  
Lançando sobre a terra um véu de nuvens  
Que ao seu olhar o somem.

Coa destra incerta tateando os ares  
O homem despertava...  
Ébrio de vida, os membros apalpando,  
– Tu quem és? – perguntava.

Tentou falar; do peito a voz lhe brota,  
E recua admirado;<sup>14</sup>  
As aves cantam, e o cantar das aves  
Escuta extasiado.

Quis caminhar, correu pela planície,  
E galgou as colinas:  
Derrama em torno, ao longe, o vago olhar,<sup>15</sup>  
Vê montes e campinas.

Os ecos escutou por muito tempo,  
Encruzados os braços,  
E de lá vem descendo pensativo  
Com vagarosos passos.

Debalde as vistas erra pelos troncos  
Da numerosa selva;  
Em vão percorre as grutas, fatigado<sup>16</sup>  
Assenta-se na relva.

Pensa, medita, e erguendo-se mais forte,<sup>17</sup>  
De novo a selva explora;  
Volve, revolve tudo, e o vazio<sup>18</sup>  
Do coração deplora.

Súbito estaca, palpitante o peito,<sup>19</sup>  
E com o braço aberto...<sup>20</sup>  
Estão seus olhos devorando a cena,  
Que descortinam perto...

Na borda de uma fonte cristalina  
A mulher se mirava;  
Rubra de pejo, as graças inda nuas  
Coas brancas mãos tapava.

Ria-se à sua imagem; para ela  
Os braços estendia...  
Mas vendo a sombra abrir-lhe um terno abraço,<sup>21</sup>  
Recuava e sorria.

Ele exclama: eras tu! E ela fugia<sup>22</sup>  
Coas faces em rubor...  
Não pôde prosseguir, caiu, caíram,  
E levantou-se Amor!<sup>23</sup>

## HINO DA CRIAÇÃO

Que mão misteriosa me conduz?  
Vai pelo espaço o globo rodeando  
    Acelerado, infrene...  
Trevas medonhas, lâmpadas de luz  
Sobre a minha cabeça vão rolando  
    Em um giro perene...

Ó terra, ó sol, ó noite, ó céus, e mares!<sup>24</sup>  
Quem sou? quem sois? Que mão misteriosa,  
    Que força sempiterna  
Fabricou, e sustenta sobre os ares<sup>25</sup>  
Esta máquina imensa e majestosa?  
    Que sábio vos governa?<sup>26</sup>

### A TERRA

Seja a terra, Ele mandou,  
E eu fui no profundo espaço;  
Impeliu-me com seu braço,  
E meu giro começou:<sup>27</sup>  
O meu primitivo passo  
Ao veloz tempo marcou  
A origem da sua idade;  
Eu rasguei a imensidade,  
E Ele da eternidade  
O imóvel seio rasgou.

### O SOL

Seja a luz, disse o Senhor,  
E eu no abismo rutili,  
Longe as trevas arrojai  
Que ocultam dos céus a cor;  
E eu que sou do espaço rei,

Coa luz dos olhares meus  
A vida aos mortais dardejo;  
São estrelas meu cortejo,  
Do universo as molas rejo,  
Mas regem-me as mãos de Deus!

#### O MAR

A minha informe amplidão  
Do infinito é tosca imagem;<sup>28</sup>  
O brado é minha linguagem  
No hino da criação!  
Pra render minha homenagem,<sup>29</sup>  
Tento aos astros me arrojor,  
E sobre mil escarcéus  
Louvar o Senhor nos céus...<sup>30</sup>  
Mas quebra os arrojos meus  
Do Senhor um só olhar!...

#### A NOITE

Eu sou a mãe do repouso,  
Que na terra o sono espalho,  
E com lágrimas orvalho  
O hemisfério sequioso;  
O sol protege o trabalho,  
Eu sou a sócia de amor;  
Mas visto estrelado manto  
Para alçar perene canto  
Ao nome três vezes santo,  
Ao nome do Criador.

#### O HOMEM

Eu sou um raio finito  
Da infinita inteligência,  
Que no livro da existência  
Leio em toda a parte escrito  
O nome da Providência,  
Do Deus, do Senhor, do Pai!

Eia, ó céus! ó terra! ó dia!<sup>31</sup>  
Ó mar! ó noite sombria!<sup>32</sup>  
Juntemos nossa harmonia  
Para louvar Adonai!...  
Nós, ó Senhor, te louvamos,<sup>33</sup>  
Nós, Senhor, te bendizemos,  
E a fonte donde descemos  
Perpetuamente adoramos!  
Hosana, hosana entoemos  
Ao Deus, ao Pai, ao Senhor!  
Hosana de noite, e dia,  
No céu, na terra, à porfia,  
E em toda a parte harmonia  
Ao Deus, ao Pai Criador!...

## O SOL

Ele é o rei da luz, entronizado  
Na cúpula dos céus:<sup>34</sup>  
Talvez anjo reve! incendiado  
Pelo sopro de Deus.

No palácio do tempo ele calcula  
Do movimento a idade;  
Fiel ministro os séculos açula  
Ao mar da eternidade.

Povos e mundos a seus pés baqueiam,<sup>35</sup>  
Do tempo na voragem;  
Mas seus louros cabelos não branqueiam,  
São do infinito a imagem.

Que olho d'homem jamais fitar pudera  
Nessa fronte de Rei,  
Se até seus mandos só de longe impera  
Dos cometas a grei?

Astro, tu és a imagem da virtude<sup>36</sup>  
Tranqüila na desgraça,  
Que espanca as trevas do caminho rude<sup>37</sup>  
Por onde o justo passa.

Em vão sacode o mar a espúmea clina  
Para manchar-te, ó Sol;  
Em vão peneira o céu turva neblina  
Em pálido lençol.

Em vão! Sorris do mar à iníqua ira,<sup>38</sup>  
A nuvem não te encobre;<sup>39</sup>  
Ri da inveja a virtude; ela transpira<sup>40</sup>  
Dos andrajos do pobre.

Soçobra o mar erguidos hemisférios,<sup>11</sup>  
Tomba o rijo penedo;  
O anjo da destruição varre os impérios,  
Mas o sol está quedo.

É a urna, que a luz eterna espelha!<sup>12</sup>  
E do raio, que encerra,  
Descosido em milhões, cada centelha  
Verte um dia na terra.

Quando entre as nuvens hibernais reflete  
Seus cálidos fulgores,  
Verdeja o prado, a neve se derrete,  
Desabrocham as flores.

Aquece o órfão nu; ele é a imagem<sup>13</sup>  
Da eterna providência;  
Farol que indica o porto da viagem  
Nos mares da existência.

Quem pode olhar-te, ó sol, sem ter desejos  
De ler-te a augusta sina?  
Quem pode lê-la sem visar lampejos<sup>14</sup>  
De uma glória divina?

Quando elevas a face soberana  
Entre as nuvens da aurora,  
Sorri-se a terra, e a família indiana  
Prosternada te adora.

E quantos mundos, cuja vida o brilho  
De um teu olhar produz!  
E quantos giram em perene trilho  
Em torno à tua luz!

Ah! que, se Deus dos homens esquecido,  
Te fechasse na mão,  
Fora um túmulo o orbe, submergido  
Em gelo e escuridão!...



E quem sabe se um túmulo inflamado  
Pelo fogo do inferno,  
E das almas dos rprobos fechado  
Por cadeado eterno?!<sup>45</sup>

Quem sabe? Tu s como a consciência  
Ardente do perverso;<sup>46</sup>  
Ela não dorme, e abrasa a existência,  
– Tu ardes no Universo!

Oh! tu, letra de fogo a mais brilhante  
Do poema celeste!  
Fonte do movimento, e que um instante  
Inda não te moveste!

Um dia, quando o Eterno alçando o braço<sup>47</sup>  
Num pavoroso brado<sup>48</sup>  
– BASTA, disser, estalars no espaço<sup>49</sup>  
Extinto, aniquilado!

O caos há de sorver-te, o seio abrindo  
Com hrrido fragor...  
Depois... silêncio! e após hosana infindo  
Dos anjos ao Senhor...

Olho do céu, insana consciência  
De toda a criao,  
Quem s, brilhante enigma?  Providência,<sup>50</sup>  
Quanto  fraca a razão!

## À TARDE

### I

Lá descambou o sol... Vai descorando<sup>51</sup>  
Manso e manso o cetim vivo-cerúleo  
E as vermelhas folhagens que recamam  
O côncavo do céu. Transluz no ocaso  
Por débil prisma cambiante faço  
De semimortas cores, que se perdem<sup>52</sup>  
No azul ferrete do noturno manto.  
Nevadas franjas flutuando em flocos  
Erram nas abas do dossel da tarde,  
Como da seda azul que a moça traja,<sup>53</sup>  
Cândida renda guarnecendo as orlas.  
Galerna a viração farfalha e brinca<sup>54</sup>  
Na coma da palmeira; o mar soluça  
Espojando na praia; e a selva freme  
Exalando inefável harmonia,  
Que os gênios do ermo tímidos murmuram.  
Queixosa a juriti na balsa arrula;<sup>55</sup>  
Com ela geme o sabiá saudoso,  
Assim modula suspirosa flauta,  
Assim chama a viúva pelo esposo  
Qu'inda tão jovem lhe caiu dos braços.

### II

Mãe da melancolia, ó meiga tarde,  
Que mágico pintor bordou teu manto  
Coas duvidosas sombras do mistério?...<sup>56</sup>  
- Talvez são elas encantados manes  
De nossos pais, que errando pelos ares  
Vêm segredar coa nossa consciência  
Dúbios emblemas de celestes frases...

– Talvez são elas pálido reflexo  
De um coro d’anjos que a milhões de léguas  
Sobre uma nuvem d’ouro descantando  
Ante a face do sol longínquos passam...  
Não sei! Há dentro d’alma tantas cousas  
Que jamais proferiram lábios d’homens...  
Entretanto me ecoam pelo espírito  
Etéreos sons de peregrina orquestra.<sup>57</sup>  
Um doce peso o coração me oprime.<sup>58</sup>  
Meu pensamento em sonhos se evapora,  
Té de mim próprio sinto um vago olvido,  
Um sereno rumor, que a alma dormenta.

### III

Salve, filha dos raios e das trevas,  
Melancólica irmã das noites pálidas!  
Quem te não ama?... A natureza toda  
Murmura ao teu passar místicas vozes  
Repassadas de unção: – todos os olhos  
Passeiam tuas tépidas campinas  
Bafejadas de nuvens – té parece  
Que a terra, suspendendo o giro, escuta<sup>59</sup>  
O adeus que o sol te envia além dos montes.  
– Limpa o suor o peregrino errante,  
E arrimado ao bordão mudo contempla-te  
Esquecido do pouso: – sobre o cabo  
Da rude enxada recostado cisma  
Nos africanos céus o pobre escravo,<sup>60</sup>  
Que exausto de fadiga te abençoa<sup>61</sup>  
Do fundo d’alma em bárbara linguagem.  
Mensajeira de amor, tu anuncias  
A hora propícia aos sôfregos amantes  
Da noturna entrevista; e a donzela<sup>62</sup>  
Erma de amor te acolhe pensativa,  
Fantasiando quadros de ventura,  
Que o vazio do coração lhe supram.  
– Talvez agora na floresta anosa,<sup>63</sup>

Proscrito errante, o índio americano<sup>64</sup>  
Pára e eleva-te um cântico selvagem<sup>65</sup>  
Nunca ouvido dos troncos que o circundam.  
– Fadem os Deuses pouso ao peregrino,  
Liberdade ao escravo, amor à virgem,  
E tardes, como esta, ao triste Bardo.<sup>66</sup>

#### IV

As inflamadas nuvens já se abatem  
Do incêndio ocidental. – Reina o silêncio  
Temeroso e fugaz. – A natureza<sup>67</sup>  
Entre o sono e a vigília está suspensa.  
Oh! quem não sente sussurrar-lhe n' alma  
Um desejo inefável como os sonhos,  
Uma lembrança incerta e vaporosa?!...  
Nesta hora amável, entre a dor e o riso,<sup>68</sup>  
Magicamente embala-se a existência;  
Em cada coração qu'inda palpita  
Sonora cai da lira do Universo  
Uma nota de amor e de saudade.  
Extático, no cimo da montanha,<sup>69</sup>  
Feroz não ruge o mosqueado tigre;<sup>70</sup>  
E o bálsamo de amor, que a tarde mana,  
No coração do bárbaro se infiltra.  
Tudo é viver, mas um viver tão lânguido,  
Tão misterioso, que parece um sonho:<sup>71</sup>  
Calma na natureza, amor em tudo.  
Quiçá longe de urdir sangrentas tramas  
De inóspito rochedo em negra cova  
Responde agora o anjo do infortúnio,  
Inimigo dos homens: Tarde ou nunca<sup>72</sup>  
De um dormir letárgico desperte!  
Vela, gênio do bem, vela em seu sono!<sup>73</sup>

## DUAS AURORAS

Lá despontam no Levante  
Entre cândidos vapores,  
Os primeiros resplendores  
Do purpurino arrebol.

Já da noite os véus sombrios  
No ocidente empalidecem;  
Sobe a luz; as nuvens descem,  
Foge a noite, assoma o sol.

Sobre o páramo dos ares  
Um véu de luz se derrama,  
Que nas pérolas da grama  
Vem sorrindo cintilar.

Estão as viçosas flores  
Abrindo os botões odoros,  
E mil pássaros sonoros  
Sobre as ramas a trinar.

Preguiçoso rola o rio  
As verdes praias beijando,  
Longamente murmurando  
Um carpido adeus de amor.

Da folhagem do arvoredado  
Doces lágrimas gotejam;<sup>74</sup>  
E mil zéfiros adejam<sup>75</sup>  
Pousando de flor em flor.

Vem comigo, ó minha amada,  
Saudar esta aurora bela;  
Não tenho sem ti, donzela,  
Nem um completo prazer.

Vem, do teu amante ao lado,<sup>76</sup>  
Pousar neste chão de flores,  
E a linguagem dos amores  
Com as aves aprender.<sup>77</sup>

Vem, depressa, ó minha pomba!  
Vem com teus lábios risonhos  
Contar-me os singelos sonhos  
Que em tua alma o céu verteu.

Eu quero também contar-te  
Um sonho, um sonho mui belo,  
Desejo, ó virgem, vertê-lo,  
Guardá-lo no seio teu.

Traze os teus louros cabelos  
Soltos à brisa ligeira,  
Assim como a vez primeira,<sup>78</sup>  
Que neste prado te vi!

Na minha lira dourada  
Vibrando as cordas sonoras,  
Cantarei duas auroras,  
Uma nos céus – outra em ti!

## A MINHA ESTRELA

Por entre as trevas da noite,  
Que cercam minha existência,  
Brilha um astro de inocência,  
Que é minha estrela polar;  
    Nos abismos de minh'alma<sup>79</sup>  
    Só ela pode brilhar.

O clarão frouxo da lua  
Já desmaia no horizonte,  
E o dela na minha frente  
Inda não veio pousar:<sup>80</sup>  
    Ide, ó sons de minha lira,  
    Em torno dela adejar.

Vem, ó flor do etéreo prado,  
Vem, meu anjo, sem receio,  
Entornar dentro em meu seio  
Teus perfumes, teu olhar:  
    Por tua alma inocentinha  
    Minha alma quero trocar.

Mas olha que a noite é negra,  
São frios do inverno os gelos;  
Eu já sinto em meus cabelos  
O sereno a gotejar;  
    Não erram no céu estrelas,<sup>81</sup>  
    Nem ousa o mocho piar.

No meio deste silêncio  
Ouço o sussurro da fonte,  
Que vem descendo do monte  
Com sonoro crepitar:<sup>82</sup>  
    Eu ajunto às vozes dela  
    O eco do meu cantar.

Mas talvez que adormecida,  
Recostada em teu postigo,  
Sonhando, ó virgem, comigo,<sup>83</sup>  
Vão meus cantos te acordar...<sup>84</sup>  
Adeus, ó virgem, que o Bardo<sup>85</sup>  
Não quer teus sonhos turbar.



## À NOITE<sup>86</sup>

Deixei de insônias cercado  
O meu solitário leito  
Para vir contar-te, ó noite,  
As angústias do meu peito.<sup>87</sup>

Toda de luto trajada,  
Tão tristonha como eu,<sup>88</sup>  
Teu triste aspecto harmoniza  
Coas dores do peito meu.<sup>89</sup>

Se tu velas só na terra,<sup>90</sup>  
Chorando teu triste fado,  
Quantas lágrimas derrama  
Quem é como eu desgraçado!

Se eu vivera num sepulcro<sup>91</sup>  
Mais negro que o manto teu,  
Tão desgraçado não fora<sup>92</sup>  
Coas dores do peito meu.

Quando eu era pequenino  
Subia alegre e traquino<sup>93</sup>  
Da montanha o alto pino,  
Para os ecos escutar;  
Supondo ser uma fada<sup>94</sup>  
Que me falava ocultada,  
Para ouvir sua toada<sup>95</sup>  
Gritava à toa no ar.

Contava-lhe os meus amores,  
Meus segredos, minhas dores,  
E os desejos matadores  
Que eu tinha no coração;  
Eu tinha amores suaves,  
Meus segredos eram graves,  
Sentia não ser as aves,  
Que no ar voando estão.

Eu amava a nuvem lisa  
Que pelo ar se desliza;  
Amava o sopro da brisa  
Que beija o cálix da flor;  
Amava a lua engraçada  
Com sua cor prateada,  
Ora inteira, ora cortada,  
Sempre triste, e sem calor.

Ouvir do eco eu queria  
Todo o nome que eu dizia;  
Mas o eco repetia  
Só das palavras o fim;  
Decerto, o mesmo falando  
Estava o mesmo pensando,<sup>96</sup>  
E o eco me confirmando,  
Eu ia dizendo assim:

“Se o teu amiguinho  
Fiel não te enfada,<sup>97</sup>  
    Fada,  
Vem já responder-me  
Com tua voz linda,  
    Inda  
Se as cousas bonitas  
Que alguns me disseram,<sup>98</sup>  
    Eram  
Verdade ou mentira.<sup>99</sup>  
Meu peito esta tarde  
    Arde  
Por saber se as fadas  
Um belo condão  
    Dão,  
Que faz criar asas,<sup>100</sup>  
Que se vai volvendo,<sup>101</sup>  
    Vendo  
Jardins de outras terras  
Cheios de cheirosas  
    Rosas  
Ao pé de uma fonte...  
Oh! isto é assim?...  
    Sim!  
Pois, dai-me umas asas,<sup>102</sup>  
Quero ir na corrente,<sup>103</sup>  
    Rente,  
Ter à mãe das águas  
Que está no profundo  
    Fundo;  
E ver perto a nuvem  
Que no céu desliza  
    Lisa;  
E ver se as estrelas  
São frias, ou quentes  
    Entes;  
Se há anjos na lua,  
Se o sol tem cabelos

Belos...  
Tu que és uma fada  
Depressa responde  
Onde  
Acharei tais asas?  
Eu hei de atroar  
O ar  
Bendizando as fadas  
Que o mago condão  
Dão.<sup>104</sup>  
Oh! tu juras dar-me  
Um condão assim?...  
Sim!...  
Adeus, boa fada,  
Que o dia se esvai...<sup>105</sup>  
Vai...  
Amanhã as asas,  
Oh! não é assim?  
Sim!...<sup>106</sup>

## A DIAMANTINA<sup>107</sup>

Vede a ninfa serrana! Ela se inclina  
No outeiro, descansando os pés na rocha,  
    Que guarda o seu tesouro;  
É uma flor que entre rubis desbrocha,<sup>108</sup>  
Umectada por fonte cristalina  
    Correndo em leito d'ouro.

Jaz-lhe na aurora recurvado serro,  
Longo, escamoso, qual petrificada  
    Gigantesca serpente;  
Sentinela, que dorme descuidada,  
Enquanto lhe abre as vísceras o ferro<sup>109</sup>  
    Da garimpeira gente.

Como fragmentos d'alva porcelana  
Ao pé do sol sob lâmina lampejam  
    Desparzidos na areia;  
Assim aos olhos do viajor alvejam  
Os muros mil da senhoril Serrana  
    Que de branco se arreja.

Oh! eu amo essa ninfa tão formosa,  
Que me sorriu no berço; aqui me trazem<sup>110</sup>  
    Lembranças da que amei...  
Ali chorei no túmulo onde jazem<sup>111</sup>  
As cinzas frias da mulher piedosa  
    Cujo seio habitei!...<sup>112</sup>

Vinde, amigos, oh! vinde pressurosos<sup>113</sup>  
Bendizer uma vez meu pátrio berço  
    No solo hospitaleiro,  
No adamantino cofre do Universo  
Onde estacam os olhos cobiçosos  
    Do ávido estrangeiro.

## A DIAMANTINA<sup>114</sup>

Vês lá na encosta do monte  
Mil casas em grupozinhos,  
Alvas, como cordeirinhos  
Que se lavaram na fonte?  
Não vês deitado defronte,  
Qual dragão petrificado,  
Aquele serro curvado  
Que mura a cidadezinha?  
Pois essa cidade é minha,  
É meu berço idolatrado.<sup>115</sup>

Ali, meus olhos se abriram  
À luz matinal da vida;  
Lá, primeiro à mãe querida  
Meus lábios de amor sorriram;  
Lá, seu nome proferiram  
Antes do nome de Deus;  
Lá, tentei os passos meus  
Da vida na estrada rude;  
Lá, aprendi a virtude,  
Minha mãe, nos lábios teus.

Olha como ela se inclina<sup>116</sup>  
Pela esmeralda do monte,<sup>117</sup>  
Molhando os pés numa fonte  
De água fresca e cristalina!  
Olha como ela domina  
Esses serros alcantis,  
Com seus ares senhoris,  
Com seu cofre de diamantes,  
No meio de seus amantes  
Distribuindo rubis...

Salve, Atenas tão risonha<sup>118</sup>  
Da verde e saudosa Minas,<sup>119</sup>  
Rainha destas colinas<sup>120</sup>  
Que banha o Jequitinhonha,  
Teu vassalo. Ele nem sonha  
Quebrar teu jugo real,  
E vem a um leve sinal  
Com seus rubis, com seu ouro,  
Derramar no teu tesouro  
O seu tributo anual.

Feliz quem no seio teu  
O sopro da Providência  
Faz brotar a inteligência,  
Pérola fina do céu!  
Como da noite no véu  
Faz mil pérolas fulgir,  
Tu tens, ó rival de Ofir,<sup>121</sup>  
Outras jóias, outros brilhos;  
Teu tesouro são teus filhos,  
Tua glória é seu porvir!

Seu porvir, sim, que amanhece  
Lá nos longes do futuro;<sup>122</sup>  
Não o meu, que um fado escuro  
De negros fios só tece.  
Pátria! tudo me falece  
Para erguer teu esplendor:  
Mas do pobre trovador  
Terás o óbolo pobre,  
No peito um coração nobre,  
Na lira um canto de amor.

## DESESPERANÇA

Pede estrelas ao céu; ao campo, flores;<sup>123</sup>

Escuridão, à noite; ao sol, fulgores;<sup>124</sup>

Tempestades, aos mares;<sup>125</sup>

Pede ao berço a inocência e a candura;<sup>126</sup>

Pede à virtude a alma da ventura;<sup>127</sup>

Pede-me só pesares.

Se te apraz, vem comigo sobre os montes

Descortinar em roda os horizontes

Té onde a vista alcança:

– Vês? – Na extrema, aurinegra nuvem passa;<sup>128</sup>

Não conduz nem fortuna, nem desgraça,

Transporta a Esperança.

A nossos pés caudal esta cascata

Mugindo entorna espumas cor de prata,

Que tombam nas campinas;<sup>129</sup>

Pensas que leva a morte em seus furores?

Vai regar mansamente, entre verdores,<sup>130</sup>

Delicadas boninas.

Ergue as vistas ao céu, e se és poeta,<sup>131</sup>

Arremessa o olhar como uma seta

Para além do hemisfério;<sup>132</sup>

Que encontras nesses páramos profundos?

Mundos, céus ao redor, mais céus, mais mundos,<sup>133</sup>

– Deus envolto em mistério!<sup>134</sup>

Ah! se a origem da luz nos foge aos olhos,

Qual o farol será nestes abrolhos

Que nos deve guiar?

Embalde a f'licidade maremos,

Coa esperança nos braços morreremos

Maldizendo este mar!



Que nem sequer ao homem seja dado  
Ser tão completamente desgraçado,  
    Que sê-lo mais não possa!  
No mal terrestre, efêmero e pequeno,  
Há um sabor de néctar em veneno,  
    Que o infortúnio adoça.

Eu tenho ânsia de amor, e de ventura;  
Em vão minh'alma sôfrega procura<sup>135</sup>  
    Na terra seus vestígios...<sup>136</sup>  
Volvo os olhos à noite – avisto estrelas,  
– Se à terra os humilhei, ai! ambas elas  
    Perderam seus prestígios.

Só na virtude – sono de desejos –<sup>137</sup>  
Pode o homem colher trégua aos arquejos  
    De um coração sedento;  
É que ela vive olhando a sepultura,<sup>138</sup>  
Ou no meio das trevas lhe fulgura<sup>139</sup>  
    No abismo um firmamento.

Se deve evaporar-se em esperança<sup>140</sup>  
A f'licidade que ante nós avança  
    Como a nuvem nos ares;  
Se ela em meu peito já não mais se aloja,  
Que te hei de dar? – aos pés da cruz te arroja,  
    Pede-me só pesares!

## CONSOLAÇÃO

Às vezes quando a lua melancólica  
Empalece o cetim da azul redoma,  
    E o globo adormecido;  
Quando ao roçar da brisa a lira eólica  
Suspira, e um vagido aos céus assoma,  
    Qual de infante perdido;

Quando o silêncio, fugitivo errando  
No arvoredado, um rumor vago desperta,  
    Que presto se esvaece;  
Quando ao longe erma estrela palpitando  
Atrai os olhos, e lembrança incerta  
    Sobre lágrimas tece;

Eu vou sentar-me a sós coas minhas mágoas,<sup>141</sup>  
Coos meus suspiros, na fragosa crista<sup>142</sup>  
    De um rochedo do mar;  
Ali não vejo os homens; – sobre as águas<sup>143</sup>  
Balança o céu, – nenhum batel se avista  
    No horizonte a vagar.

Então da vida as fontes não golfejam  
Sangue, – converso a Deus dentro em minh'alma  
    Sem palavras do mundo:  
E sinto esses momentos, que gotejam,<sup>144</sup>  
Como orvalho do céu, celeste calma  
    Do coração no fundo.

De lá derramo os olhos macerados  
Por essas praias, onde outrora em fios  
    Correu do Índio o pranto:<sup>145</sup>  
Tristes! assim pudesse eu dar meus fados  
Por seu exílio nos sertões sombrios,  
    Da guaraponga ao canto!

Ali na harpa dos ermos entoara<sup>146</sup>  
Doces votos de amor desconhecidos  
    Aos bosques indianos;<sup>147</sup>  
Lá minha voz aos ventos espalhara  
Já que só vi na terra fermentidos  
    Os corações humanos.

E então quisera ter nas mãos o copo<sup>148</sup>  
Dos meus dias, de onde o desengano  
    Vazou-me as esperanças;<sup>149</sup>  
E quebrando-o a meus pés sobre um cachopo,  
Sepultar para sempre no oceano  
    Minhas negras lembranças...

Em vão! Se meu olhar o céu percorre,  
Encontra a face pálida da lua  
    Tão calma e tão contrita...  
Então nos lábios a blasfêmia morre,  
Então, Senhor, bendigo a dor que estua<sup>150</sup>  
    Nesta minh'alma aflita.

Posso chorar: aqui não me hão de o rosto<sup>151</sup>  
Voltar sorrindo os homens, deparando  
    Coo pranto em minha face;<sup>152</sup>  
Doce pranto de equívoco desgosto,  
Que as urnas do prazer e dor vazando<sup>153</sup>  
    Casam em brando enlace.<sup>154</sup>

Possa, ó Senhor, de tuas mãos soltar-se<sup>155</sup>  
Meu elo extremo de existência escura  
    Nestes belos momentos!...  
Deve a mente mais fácil desatar-se  
Da terra, e aos teus pés subir mais pura  
    De humanos pensamentos.<sup>156</sup>

## SAUDADE

Dos versos teus entre as flores,  
Deixando as de alegres cores,<sup>157</sup>  
Colhi a que exprime as dores  
De um saudoso coração,  
Flor que brota em soledade,  
Que diz – amor e amizade –  
Que o nome tem de – saudade –  
Filha da separação.

Eu tenho essa flor querida  
Dentro do peito escondida,  
Nela vejo refletida<sup>158</sup>  
Da ausência o cruel rigor;  
Pois é uma voz amante  
Que me fala a cada instante,  
De um coração que distante<sup>159</sup>  
Palpita também de dor.

## AMARGURA

Oh! não me pergunteis por que motivo  
Pende-me a fronte ao peso da amargura,  
Quando um suspiro trêmulo, aflitivo,  
Sobre os meus lábios pálidos murmura.

Quando ao fundo do lago a pedra desce,  
Globo de espuma à flor do lago estala:  
Assim é o suspiro: ele aparece,  
Porque no coração cai dor que o rala.

Do lago a face lisa espelha flores,  
No fundo a vista não divisa o ceno:<sup>160</sup>  
Assim dentro do peito escondo as dores,<sup>161</sup>  
Mandando aos lábios um sorriso ameno.

Mas quando uma aflição acerba e crua  
Mais que um rochedo o coração me oprime,  
Quando nas chamas do sofrer estua  
Como no incêndio o ressequido yime;

Não choro, não! – De angústias flagelado<sup>162</sup>  
Um queixume sequer eu não profiro;  
Descai-me a fronte, penso no meu fado...  
Oh! não me pergunteis por que suspiro!...

## SONETO

Há tormentos sem nome, há desenganos  
Mais negros que o horror da sepultura;  
Dores loucas, e cheias de amargura,  
E momentos mais largos do que os anos.<sup>163</sup>

Não são da vida os passageiros danos  
Que dobram minha fronte. – A desventura,<sup>164</sup>  
Eu a desdenho... A minha sorte dura  
Fadou-me dentro d'alma outros tiranos.

As dores d'alma, sim; ela somente,<sup>165</sup>  
Algoz de si, acha um prazer cruento  
Em torturar-se ao fogo lentamente.

Oh! isto é que é sofrer! – nenhum tormento  
Vale um gemido só d'alma tremente,  
Nem séculos as dores de um momento!

## SONETO

Faço timbre uma vez de aborrecer-te,  
Mil vezes faço timbre de adorar-te,  
Tuas faltas de amor mandam deixar-te,  
Minha viva paixão manda querer-te.

Se procuro, cruel, deixar de ver-te,<sup>166</sup>  
A tristeza me cerca em toda a parte;  
Se, para alívio meu, busco falar-te,<sup>167</sup>  
Sinto n'alma pesar de conhecer-te!

Oh! tu, causa cruel de meus tormentos,  
Oh! tu, querida ingrata! minha sorte  
Ouve; escuta meus ais e meus lamentos!<sup>168</sup>

Já que viver não posso em tal transporte,  
Já que o céu não me muda os sofrimentos,  
Ou muda tu de gênio, ou dá-me a morte!

## DESPREZO À GLÓRIA<sup>169</sup>

Sempre aos Deuses pediram meus votos  
Pouca sombra, uma gruta, uma lira,  
Uma gruta em lugares remotos  
Onde a musa os meus versos inspira.

Mas em vão busca amor a minh'alma,<sup>170</sup>  
Em seu ermo ela está merencória:  
Para mim que feneço com calma,  
Que me importa o ruído da glória?

Que me importa o ruído da glória  
Sobre um carro dourado correndo?  
E dos homens viver na memória,  
Quando vivo estou mesmo morrendo?

Essa glória que vedes sorrindo,  
É a morte trajada de brilhos;  
Sobre a campa sorrisos fingindo,  
E chamando os heróis por seus filhos!...



## DESPEDIDA

Quando chega de outros climas,<sup>171</sup>  
Aonde vagou perdida,  
A andorinha que adora  
A primavera florida,<sup>172</sup>

Ela voa prazenteira  
Debaixo do céu antigo,  
Saudando de teto em teto  
O seu conhecido abrigo.

Como ela, depois da ausência,<sup>173</sup>  
Volto à casa conhecida;<sup>174</sup>  
Fui passar em outras terras  
A primavera da vida.

Como ela saúdo agora  
Esta bendita mansão,  
Aonde pousado havia  
Na minha flórea estação.

Porém tudo está mudado;  
Estes climas são melhores,  
Se deixei botões fechados,  
Os botões hoje são flores.

Parece que nestes montes  
Passou o sopro de Deus,  
A ventura aqui derrama  
Os dons e os encantos seus.

Este céu fala a meus olhos,<sup>175</sup>  
Minh'alma estas flores ama,<sup>176</sup>  
Mas cumpre levar meus dias  
Aonde o dever me chama.

Adeus! eu levo a saudade,  
Mas deixo meu coração;  
Comigo vai destas horas  
A doce recordação.

Cada qual tem uma estrela  
Que rege os destinos seus,  
Adeus! que a minha me arrasta;<sup>177</sup>  
Ainda uma vez – adeus!

## DESENGANO

Vai desmaiando o astro rei do dia  
De seu giro a baliza já roçando  
Com a fulgurante çoma, e se extasia  
Tão extenso caminho contemplando.

Também vão desfolhando-se mirrados  
Da minha vida os pálidos momentos;<sup>178</sup>  
Atrás os olhos volvo – ei-los passados  
Malditos de esperança inda sangrentos.

Paleja a tarde e bálsamos vapora  
Para descanso ao trabalhoso dia;<sup>179</sup>  
Amanhã fulgirá brilhante aurora,  
E há de trazer-me só melancolia.

Quanto prazer a natureza inspira!...  
Cantam as aves ao sorrir das flores,  
Mas o meu coração sangra e delira,  
Que mais o punge o torturar das dores.

Meu destino é chorar, viver errando,  
Entre campas volver ossos quebrados  
De sumidos cadáveres – olhando  
Da espécie humana os ominosos fados.<sup>180</sup>

Cumpra-se o meu destino! Irei prostrar-me  
Junto da cruz que o cemitério alteia;<sup>181</sup>  
E lá um esqueleto há de arrastar-me  
A alguma cova hiante, úmida e fria.<sup>182</sup>

## ○ POETA AGONIZANTE

*Oui, je mourrai: déjà ma lyre en est en deuil;  
Jeune, je m'éteindrai. laissant peu de mémoire,  
Sans peur...*

Victor Hugo

Da minha vida os derradeiros elos,<sup>183</sup>  
Um por um, se desprendem denegridos<sup>184</sup>  
Sobre a urna do tempo; está minh'alma  
Como um rochedo colossal pesando  
Dentro em minha cabeça opressa e curva,  
E o batel de meus dias, arrojado  
Aos tufões da desgraça, irá sedento  
Beijar as praias da celeste pátria...  
Oh! já o sopro gélido da morte  
Minh'alma impele a regiões ignotas,<sup>185</sup>  
Enquanto o coração bate mais lento  
E pelos membros o torpor passeia...  
Adeus, ó meus amigos, uma lágrima  
Na destra fria do expirante bardo,<sup>186</sup>  
Que só roçou nas ilusões da vida,  
Nas mentirosas vestes que rebuçam  
A estátua imóvel, negra, do infortúnio!  
Sobre os meus olhos erram mil fantasmas  
Sem cor, sem forma; e no confusó espírito  
Pousam e fogem, trépidos cardumes<sup>187</sup>  
De sonoras idéias, como enxames  
De abelhas sobre flor lânguida e seca.  
Adeus, inda uma vez! que já no ocaso  
Meu sol vacila, e o véu da noite baixa  
Sobre o perdido viajor da terra,<sup>188</sup>  
Convém deitar-me ao lado do caminho,  
À sombra do cipreste, e sem alentos  
Dormir no esquecimento o sono eterno...

Entre a risonha multidão dos vivos,  
Estrangeiro sem nome hei caminhado,  
Triste exalando em suspirosos cantos<sup>189</sup>  
Uma por uma as dores, que em meu peito  
Renasciam cruéis... Oh! a desgraça<sup>190</sup>  
Seguiu-me a passo como a sombra ao corpo,  
E no meu coração víbora interna  
Matou-lhe as emoções, quebrou-lhe as fibras.  
Desde o berço da infância sobraçado  
Coa minha harpa infeliz, arrasto a vida  
Pelo vale das dores, onde inscrito  
Encontrei meu lugar por entre túmulos...  
Vede! meus fracos pés ensangüentaram  
As negras pedras da espinhosa estrada;  
E nas asas do Zéfiro partidas  
Nunca mais soarão minhas endechas!  
Hoje na laje dos sepulcros venho  
Quebrar esta crisálida de argila,<sup>191</sup>  
Que a hóspede celeste os vôos tolhe,  
E como ao lume a impróvida pirausta,<sup>192</sup>  
Bater as asas para o sol da vida.

Foi triste o fado meu! Por entre os raros  
E fugitivos sonhos que adejaram  
No turvo céu de minha juventude,<sup>193</sup>  
Sempre, sempre surgiu a escura imagem<sup>194</sup>  
Dalguma dor atroz; e a seu aspecto<sup>195</sup>  
Meus belos sonhos tímidos fugiam,<sup>196</sup>  
Bem como do rosal fogem as pombas  
Ao chegar do milhafre, Oh! lastimai-me!<sup>197</sup>  
Na sequiosa taça de meus dias  
Foram caindo as horas inflamadas  
Como fogo do céu na sarça adusta.  
Cantei para olvidar o interno incêndio,<sup>198</sup>  
E meus queixumes para Deus subiram,  
Como o incenso do férvido turíbulo.  
Essa chama do céu, que abrasa o vate,<sup>199</sup>  
Crestou-me inteira a flor da juventude...

Um pensamento só resta entre as cinzas,  
Como imortal pirâmide que avulta<sup>200</sup>  
Sobre um deserto... é Deus, que está comigo,  
É Deus que pôs a mão em meu espírito<sup>201</sup>  
Para acalmar-lhe os últimos anseios...

Dai-me a minh'harpa, eu quero, como o cisne,<sup>202</sup>  
Num canto extremo evaporar a vida.

## ÚLTIMO CANTO DO ANACORETA

Senhor! minha alma serenou fugindo  
Do tumulto dos homens; os meus dias,  
Pranteados a sós, foram caindo  
Na urna do passado, e tu sorrias  
    No meio do meu pranto...

No ermo dos bosques descantei teu nome,<sup>203</sup>  
Meus cantos no eco da soidão subiram  
Ao trono teu; o aquilão gelou-me  
Ao invocar-te à meia-noite, ouviram  
    Os astros o meu hino.

No fim da tarde eu ia junto à fonte  
Minhas preces entoar coas vozes dela;<sup>204</sup>  
E quando o sol surgia no horizonte  
Dava-me a mente nova frase bela  
    Para te bendizer.

Do meu corpo olvidei; as mesmas feras<sup>205</sup>  
Fogem de me avistar; à flor das fragas  
Duro leito cavei, e até das eras  
O curso confundi, como o das vagas  
    Em procelosos mares.

Não quis a terra! Pelos céus vaguei  
Buscando um hino para descantar-te...<sup>206</sup>  
Do mar no fundo as conchas procurei,  
E no deserto as flores, pra pintar-te<sup>207</sup>  
    No íntimo do peito.

Eu encarei o sol meridiano<sup>208</sup>  
Envolto em chamas de rubente brasa,<sup>209</sup>  
Pra soletrar teu nome; e quis, insano!  
Que meu peito d'argila fosse a casa  
    Do teu nome, Senhor!

Por que tão cedo as forças me deixaram?<sup>210</sup>  
Não mais te louvarei, que a voz falece  
Nos meus pulmões exaustos, e secaram  
As veias do meu corpo... Oh! quem pudesse  
Louvar-te eternamente!

Senhor! prostrado, exânime, sem vida,<sup>211</sup>  
Um velho implora o teu amor; não vejas  
Sem piedade esta fronte encanecida  
Ao sol da solidão! Bendito sejas  
Pelos homens e anjos!<sup>212</sup>



## CONSOLAÇÃO NA MORTE

Sinto que vão quebrando-se em meu peito  
As molas da existência; sinto a vida  
Escapar-me das veias; nem respiro,  
Como outrora, estes ares que alimentam...  
Cedo terei baixado ao negro asilo  
Onde habita o mistério envolto em trevas,<sup>213</sup>  
Nas solidões de um fúnebre silêncio...  
Irei sem murmurar – irei sozinho  
Com minhas mágoas repousar a fronte  
Sobre um torrão de terra – desta terra  
Que tanto as minhas lágrimas banharam...  
Irei pedir a última hospedagem  
Lá onde há leitos para todo o homem  
Dormir o último sono; e irei tranqüilo,  
Porque não amo, viajor exausto,  
Estas poentas vestes laceradas  
Nas urzes do caminho; porque embalde<sup>214</sup>  
No horror da minha noite hei procurado  
No oriente um sol, nos céus um astro,  
Que me aclarasse do futuro as sendas...  
Ah! que monta viver?... sorver aos poucos,<sup>215</sup>  
Té às fezes, um cálice de angústias,<sup>216</sup>  
Que mata lento e lento; e agonizante  
Vivo se proclamar o moribundo!<sup>217</sup>  
Dizer-se amor – dos corações as chagas,<sup>218</sup>  
Esperança – uma fênix, que renasce  
Sempre de cinzas; f'licidade – um nome<sup>219</sup>  
De um astro que não viram olhos d'homem,  
Que talvez não verão!... É isto a vida?  
Oh! desça ante meus olhos a cortina<sup>220</sup>  
Do pálido sepulcro; ela me esconde  
O vazio do mundo, e este vazio,  
Que tenho n'alma, fundo qual abismo,<sup>221</sup>  
Somente o pode encher a eternidade!...

## ○ POETA

Ele é o sacerdote do Universo  
Que o livro d'alma e coração folheia,  
    Onde o mistério habita:  
Canta amor e virtude em doce verso,  
E de piedosas lágrimas pranteia  
    Uma existência aflita.

Su'alma é como a flor que o sol desbrocha:<sup>222</sup>  
Exala cantos, como a flor perfumes,  
    Como o sol resplendores;  
E qual vulcão nas vísceras da rocha,  
Ruge seu coração, vibra em cardumes,<sup>223</sup>  
    Relâmpagos, clamores.

Quando ele cisma, ondeiam-lhe no aspecto<sup>224</sup>  
Os ecos do profundo pensamento  
    Desfeito em mil imagens;  
E a mente alçando-se ao cerúleo tecto,<sup>225</sup>  
Penetra de Adonai o aposento<sup>226</sup>  
    Lá do espaço nas margens.

Ele passa gemendo entre os humanos,<sup>227</sup>  
Qual triste mocho, que piando passa  
    Nas salas do festim;  
A ele – a noite, e os aquilões vesanos,<sup>228</sup>  
Aos outros – de prazer em flórea taça<sup>229</sup>  
    Embriaguez sem fim.

Oh! deixai que o poeta em paz deplore  
Na solidão seu fado, e se lastime  
    Da poesia nos braços;  
Deixai que o próprio coração devore,<sup>230</sup>  
Onde o fogo do céu caindo, imprime  
    Incendiados traços.

Nos caminhos da vida ele, sentado<sup>231</sup>  
Em férreo marco, vê passar ruidosa  
A c'ravana dos vivos;<sup>232</sup>  
Ao ouvi-lo estaca o viajor cansado,  
E expande o cenho da feição rugosa<sup>233</sup>  
Da lira aos sons altivos.

É que essa lira canta uma esperança,  
Primogênita alegre da desgraça,  
Que o conduz pela mão;<sup>234</sup>  
Que o conduz ao porvir, que sempre avança<sup>235</sup>  
Qual fugaz nuvem, té que se desfaça<sup>236</sup>  
A nuvem na ilusão.<sup>237</sup>

De crepe o vate a doce lira cobre  
Se mais um crime a Divindade afronta  
Ensangüentando a história:  
Ele abençoa o óbolo do pobre,  
Mostra a cruz à virtude, além aponta<sup>238</sup>  
Um hemisfério à glória.

Por que ri coa virtude, e por que chora  
Sobre alheio sofrer, e sobre cetros  
Que há pouco eram alfanjes?<sup>239</sup>  
Sabe que é glória vã a que se escora  
Em ossos nus; – são seu cortejo espectros,  
Seu pedestal falanges.

Ele ama o sol – da Providência imagem;<sup>240</sup>  
Ama o oceano – imagem do infinito,  
E a noite, irmã da morte;  
Ouve um queixume no expirar da aragem,<sup>241</sup>  
E dos trovões no rábido conflito  
Ouve a voz de Deus, forte.<sup>242</sup>

Cada existência canta-lhe uma nota  
Repassada de mística harmonia,  
Alegre ou melancólica;  
Música misteriosa ao vulgo ignota,  
Como a que matinal além nos guia,  
Como de harpa eólica.<sup>243</sup>

Entretanto seu fado é bem medonho,  
O abismo de su'alma não tem fundo,  
    Mesmo aos olhares seus:  
O mundo para ele é como um sonho,  
Ele cria em seu caos um outro mundo,  
    Que povoa de Deus.

É que à fonte da vida, um Deus somente<sup>244</sup>  
Pode lavar-lhe a sede do infinito  
    Que su'alma devora;  
Su'alma é como a lâmpada pendente  
No altar, ou como a mirra em sacro rito,  
    Que ardendo se evapora.<sup>245</sup>

Cumpre, ó vate, cantando, o teu degredo;  
E um hino solta em teus finais momentos  
    Do mundo entre os baldões;  
Qual bélico cantor que exala quedo<sup>246</sup>  
Na márçia tuba os últimos alentos<sup>247</sup>  
    Ao troar dos canhões.

## EU

Naquela ermida derrocada agora  
Já não soa do sino a voz garrida  
Pela cúpula nua;  
Nos ermos nichos alta noite chora  
O mocho, e pela abóbada fendida<sup>248</sup>  
Entra um raio da lua.

Eis minha história, amigo: os que hei amado  
Desceram para os túmulos; e eu vivo<sup>249</sup>  
Só de cruéis lembranças,  
Qual estátua de um templo derrocado;  
Cerca-me este espetáculo aflitivo,  
Cinzas sem esperanças.

Em vão na doce lira dos amores  
Por um anjo clamei que ungissem as ruínas  
Do coração quebrado;  
Que me fadasse um céu, lançando flores  
No meu caminho, e abrindo-me as cortinas  
De um futuro dourado.

Como serei feliz!?... que anjo clemente  
Há de orvalhar-me com as roçantes asas<sup>250</sup>  
O estéril coração?...  
Sedenta de emoções, minh'alma ardente  
Incendiou-se, e o coração em brasas  
Não sente uma emoção...

Hoje odeio o prazer, desprezo as dores,  
Caminho sobre rosas, sobre espinhos,  
Sem olhar para o mundo:  
Morte, eu quero sacrificar-te os meus amores,  
Quero gozar de teus fatais carinhos  
Num esquite bem fundo!...

# ENTUSIASMO<sup>251</sup>

*Away, away.*  
Byron

## I

Muito bem, meu ginete brioso,  
Morde o freio, sacode essas crinas,  
E responde teu rincho feroso<sup>252</sup>  
Ao rugido feroz do canhão!  
Corre, voa por essas campinas  
Alastradas de tropas imigas,  
Que eu aí ceifarei como espigas<sup>253</sup>  
Da seara, coa espada na mão!<sup>254</sup>

## II

Voa, rasga esse muro de ferro  
Com teu peito de ferro mais forte,  
Que ele há de tombar como um perro,  
E tu hás de esmagá-lo no chão;  
Minha espada é a fouce da morte,  
Teu galope é veloz como o raio;<sup>255</sup>  
São meus golpes letais: onde caio,<sup>256</sup>  
Teu nitrido é a voz do canhão!

## III

Eia, avante! derruba por terra  
Esse bosque enfeixado de lanças,<sup>257</sup>  
E mil crânios e ossos enterra<sup>258</sup>  
De teus rápidos pés ao tocar!

Que no mesmo caminho onde avanças  
Após ti vem correndo a vitória!  
Oh! tu sabes ao porto da glória  
Entre nuvens de balas chegar!

#### IV

Tua cauda orgulhosa é açoite<sup>259</sup>  
Que nas faces dos vis tu resvalas;  
Tua cor é mais negra que a noite,  
Minha espada mais clara que o sol!<sup>260</sup>  
São teus olhos flamívomas balas,  
Nosso sopro é sulfúrea fumaça!  
Quem de ver-nos tiver a desgraça<sup>261</sup>  
Não verá mais clarão do arrebol.

#### V

Oh! não dera estes campos medonhos<sup>262</sup>  
Pelos reinos que existem na terra;  
Não trocara por jogos risonhos  
Mil perigos que vêm do tropel!<sup>263</sup>  
O meu reino é o campo da guerra,  
Minha espada é meu cetro e tesouro,<sup>264</sup>  
Minha c'roa é um ramo de louro,  
O meu trono este bravo corcel!

## MOTE

O cipreste verde, e triste,<sup>265</sup>  
Cópia da minha figura,  
Verde qual minha esperança,  
Triste qual minha ventura.

## GLOSA

Deus, na linguagem das flores,<sup>266</sup>  
Sabidamente a história exprime  
Da mágoa que nos oprime  
Neste vale de mil dores;  
Na sultana dos amores,<sup>267</sup>  
Na rosa, ó Deus, resumiste  
Toda a ventura que existe  
Nos jardins do coração;  
Pintar fizeste a paixão  
*O cipreste verde, e triste.*

Que grande, e vários poemas  
Nessas páginas de flores,  
Nessas ervas, e verdores,<sup>268</sup>  
Que são da vida o emblema!...  
Não! por mais que folgue ou gema  
Qualquer outra criatura,<sup>269</sup>  
Na polé da desventura,<sup>270</sup>  
Ninguém como eu há gemido,  
Pois no cipreste eu hei tido<sup>271</sup>  
*Cópia da minha figura.*



Houve um tempo (oh! que saudade  
Guardo dele na minh'alma!)<sup>272</sup>  
Houve um tempo onde vi calma  
Toda a minha mocidade,<sup>273</sup>  
Nos braços da f'licidade,<sup>274</sup>  
Crescer em doce aliança;  
Fonte era límpida e mansa,<sup>275</sup>  
Onde a sombra prazenteira  
Ia estampar a palmeira  
*Verde qual minha esperança.*

Ai! o tufão da desgraça  
Prostrou a florida palma,  
Na fonte límpida e calma,  
Onde turva hoje só passa;  
Sim, tudo isso retraça<sup>276</sup>  
Minha sorte triste e dura!<sup>277</sup>  
Vem, ramo de cor escura,  
Vem, que eu do peito te amo,  
Vem, cipreste, vem, meu ramo,  
*Triste qual minha ventura.*

# T U

Teus olhos são como a noite:<sup>278</sup>  
    Trevas e luz;  
Ó anjo, o céu em teus olhos  
    Se reproduz!

Tu'alma inda não conhece  
    Teu coração;  
Rubor que te acende as faces  
    É sem razão.<sup>279</sup>

Inocente, quem gozara  
    Contigo o céu!  
Quem dos amores contigo  
    Rasgara o véu!

Quem descerrara teus lábios  
    Cum doce beijo!...  
Dizendo – amor – e em teus olhos  
    Vira um desejo!

Tua face é como a aurora:<sup>280</sup>  
    Púrpura e luz!  
Ó anjo, a aurora em teu rosto  
    Se reproduz!

Quero viver em teus olhos,  
    Ó inocente!  
Quero adorar-te prostrado  
    Eternamente!

## TRISTEZA<sup>281</sup>

Dizes que meu amor te encanta a vida,<sup>282</sup>  
Teus alvos dias, teus noturnos sonhos;  
Mas tens a face de prazer tingida,<sup>283</sup>  
Teus lábios são risonhos!

Não podem florescer o amor e o riso  
Nos mesmos lábios: da paixão o fogo  
Mata as rosas do rosto, de improviso<sup>284</sup>  
Gera a tristeza logo.

Olha: minh'alma é pálida e tristonha,<sup>285</sup>  
Minha frente é nublada, e sempre aflita,<sup>286</sup>  
Entretanto uma imagem bem risonha<sup>287</sup>  
Dentro em minh'alma habita.<sup>288</sup>

Mas esse ermo sorrir, que tenho n'alma,<sup>289</sup>  
Não é como da aurora o riso ardente;  
É o sorrir da estrela em noite calma,<sup>290</sup>  
Brilhando docemente.

Ah! se me queres a teus pés prostrado,<sup>291</sup>  
Troca o riso por pálida beleza:<sup>292</sup>  
Mulher! torna-te o anjo que hei sonhado,  
Um anjo de tristeza!

## ELA<sup>293</sup>

Mais bela que os silfos, que em plácidos sonhos<sup>294</sup>  
Vagueiam na mente juncada de amores

De linda donzela;

Mais bela que um – quero – de lábios risonhos,<sup>295</sup>

Que os astros da noite mais bela, que as flores,<sup>296</sup>

Mais bela, mais bela!<sup>297</sup>

Mais pura que a límpida fonte, deitada<sup>298</sup>

Na cândida areia; mais pura que a brisa,<sup>299</sup>

Que baixo murmura

Nas folhas; mais pura que prece sagrada,<sup>300</sup>

Que a nuvem azulada que a aurora matiza,<sup>301</sup>

Mais pura, mais pura!

Mais meiga que uns olhos morrendo de amores,<sup>302</sup>

Mais doce que o canto da rola saudosa

Na flórida veiga;<sup>303</sup>

Mais doce que o canto sem causa, sem dores,<sup>304</sup>

Que um beijo furtivo de virgem medrosa<sup>305</sup>

Mais doce, mais meiga.

É anjo celeste dos céus exilado,

É anjo encarnado que a térrea natura

De corpo reveste,<sup>306</sup>

Não fosse ela um anjo celeste encarnado<sup>307</sup>

Que às plantas lançara-lhe uma alma! – loucura!

É anjo celeste!

## A MINHA ROSA<sup>308</sup>

Não é para cantar cenas de amores<sup>309</sup>  
Que erro meus dedos sobre as frouxas cordas<sup>310</sup>  
Da minha harpa infeliz; – nem dos meus lábios  
Dimanam como outrora os versos fáceis<sup>311</sup>

Que a ventura inspirava.<sup>312</sup>

Canto para ecoar em sons queixosos  
As lembranças cruéis que me laceram  
A mente angustiada; – eu canto, amigos,<sup>313</sup>  
Para ouvir uma voz, que me lastime  
Com verdadeira mágoa, e que gemendo<sup>314</sup>  
Aos ventos narre minha triste história...  
Canto para entornar sobre minh' harpa<sup>315</sup>  
Negras recordações, dores que aumentam  
Coo muito imaginar, e que não posso<sup>316</sup>  
Em lágrimas verter dos olhos áridos.  
Já gozei, como vós! da flor dos anos  
O perfume aspirei inda na aurora  
Da minha juventude, quando um astro  
Inundava de luz meu horizonte  
Limpo de nuvens, quando a voz de um anjo  
Falava-me do céu e, filha dele,<sup>317</sup>

Com ósculos de amor me ungia os lábios...  
Tempo ditoso!... Para mim brilhavam  
As estrelas no céu, no prado as flores,  
Um sol de fogo, e a lua esmorecida,<sup>318</sup>  
Para mim cantava o sabiá canoro,<sup>319</sup>  
Bradava o mar, o zéfiro gemia,  
A tarde era serena, o bosque verde,

E a fonte harmoniosa.

Era uma orquestra a natureza toda,  
E os ecos da montanha repetiam<sup>320</sup>

Meu cântico de amores.

De rosas enramei a lira de ouro

Para cantar da minha amada o nome,  
Mais doce do que o mel; vibrei-lhe as cordas,<sup>321</sup>  
Que ao toque de meus dedos palpitavam  
De glória e de prazer!... Oh! que é das flores<sup>322</sup>  
Que outrora engrinaldaste-me na lira,  
Ó minha pomba tímida e inocente?<sup>323</sup>  
Que é dos mágicos sons que então feríamos,  
Ó minha lira triste e malfadada?<sup>324</sup>  
Tudo foi como as ilusões de um sonho,  
Que afaga a mente e rápido evapora-se...<sup>325</sup>  
Que funesto acordar! Hão de os meus dias  
Nas trevas sepultar-se antes que um riso  
Floresça nos meus lábios; hão de as aves  
Saudar cantando a verde primavera,<sup>326</sup>  
Há de o rio volver seu manso curso,  
O céu há de anilar-se, a terra inteira  
Inda será feliz, enquanto eu gemo  
Longe dos homens, de emoção vazio,  
Esperando que alvejem meus cabelos  
Nesta fronte abrasada...

Ah! que a fria mão da morte  
Quebrou a última flor  
Do meu jardim de esperanças,  
A rosa do meu amor.

Deixou-me a celeste musa,  
E a minha saudosa lira  
Já não palpita de amores,  
Mas chora, geme e suspira.<sup>327</sup>

Neste vale de amarguras  
O que me resta esperar?<sup>328</sup>  
Irei no arraial dos mortos  
Minha tenda levantar.

Venha a hora em que eu aviste  
Na pátria do Criador  
A Musa da minha lira,<sup>329</sup>  
A rosa do meu amor.

Saudade, inspira meus cantos,  
Meu destino é como o teu;  
Juntos cantemos chorando  
A rosa do peito meu!...

## CANTO DE AMOR

Oh! dize-me, anjo perfeito,  
Que guardas dentro do peito  
    Meu coração,  
Por que tu és a ventura,<sup>330</sup>  
Que há tanto tempo procura  
    Minh'alma em vão?

Tua voz tem mais encanto,  
Tem mais doçura que o canto  
    Do sabiá;  
Teu riso é mais engraçado  
Que o riso fresco e rosado  
    Que a aurora dá.

Teu olhar mais gozo excita  
Que a estrela que lá palpita  
    No azul do céu;  
São de seda os teus cabelos  
E imitam seus negros elos  
    Da noite o véu.<sup>331</sup>

É grato o matiz das rosas,  
Mas tens nas faces formosas  
    Melhor matiz;  
É bela do lis a alvura,  
Mas tu vences na candura  
    A cor do lis.<sup>332</sup>

Da garça o colo garboso<sup>333</sup>  
Não é assim tão donoso  
    Como é o teu;  
Tuas mãos são pequeninas,  
Como são as mãos divinas  
    Que há no céu.



A tua cintura breve  
É mais flexível e leve  
    Que o beija-flor;  
É branca a tua roupagem,  
E do teu gesto a linguagem  
    Só diz – amor.

Dize-me, ó anjo perfeito,  
Que guardas dentro do peito  
    Meu coração,  
Por que tu és a ventura  
Que há tanto tempo procura  
    Minh'alma em vão?

Jura que toda te inflamas  
Do meu coração nas chamas,  
    Chamas de amor;  
Que queres na chama ativa  
Abrasar a alma cativa  
    Do trovador.

Vem, pois, meu anjo, eu preciso<sup>334</sup>  
Beber tua voz num riso  
    Melhor que o mel;  
Sorver tu'alma em teus olhos,  
Prender-me da trança aos molhos,<sup>335</sup>  
    Num só anel.

Do teu cabelo nas trevas  
O rosto da aurora elevas  
    Como um rosal;  
Quero vê-lo entre os cabelos  
Como do pólo entre os gelos  
    Luz boreal.

Quero ver do colo os pomos,  
Donde quer saltar de assomos  
    O coração;  
Como de pomba dois seios<sup>336</sup>  
Que em uniformes anseios<sup>337</sup>  
    Batendo estão.

Dá-me as mãos, quero beijá-las,<sup>338</sup>  
Toma as minhas para atá-las  
    Em nó de amor;  
Pois num abraço, pressinto,<sup>339</sup>  
Vão te quebrar pelo cinto<sup>340</sup>  
    Como uma flor.

Oh! dize-me, anjo perfeito,  
Que guardas dentro do peito  
    Meu coração,  
Por que tu és a ventura  
Que há tanto tempo procura  
    Minh'alma em vão?

## GRATIDÃO

Se tu não és o lírio da inocência,  
És rosa, a flor querida dos amores;  
Que importa, se és rainha entre as mais flores,  
Que não tenhas do lírio a inócua essência?

Eu amo a rosa – imagem da existência  
Que se meandra de prazer e dores,  
Eu não te vi de espinhos passadores  
Circundada na tua florescência?<sup>341</sup>

Se o fado para mim fez-te inocente,  
Se os espinhos despiste ao meu contato,  
Devo querer-te, ó flor, eternamente.

Toda a ação nobre eu vivamente acato,<sup>342</sup>  
Praticaste comigo nobremente,  
Quem tem um coração é sempre grato.

## QUEIXA

Se tu me adoras, donzela,  
Com vero amor,  
Expande a tua alma bela,  
Como uma flor.

A rosa desabrochada  
Perfume gera;  
Morre a flor que está fechada<sup>343</sup>  
Na primavera.

Onde viste a rosa, e quando  
De manhã triste?  
Acaso um botão beijando  
Abelha viste?...

A alma é a flor de amores,  
O amor é mel;  
A abelha das murchas flores  
Foge infiel.

Sorri, pois, como n'aurora  
Cândida flor;  
Ou se em teu peito a dor mora,  
Mostra-me a dor.

Divide a alma comigo  
Triste, ou risonha;  
Eu sou tão feliz contigo  
Mesmo tristonha!

Mas a tua dor, donzela,  
Me causa dor;  
Expande a tua alma bela  
Como uma flor.

## SÓ SE PODE AMAR NO CÉU

Não, tu não sabes, donzela,  
O que é descrer do futuro;  
No teu horizonte puro  
Fulge ainda estrela bela.

Não tentes rasgar o véu,  
O santo véu da inocência,  
Que vela a tua existência,<sup>344</sup>  
Anjo caído do céu!

A inocência é a redoma  
Que encerra as delícias d'alma,  
Quebrada, quebra-se a calma,  
E lá o infortúnio assoma.

Não é reflexo do empíreo,  
Virgem, o amor terreal;  
É antes sonho infernal,  
Que produz atroz martírio.

Levanta, pois, os teus olhos:<sup>345</sup>  
Para o claro azul dos céus:<sup>346</sup>  
Lá verás anjos, e Deus,<sup>347</sup>  
Na terra só vês abrolhos.

Olha, ó moça, se é preciso  
Que eu te adore, ah! eu te adoro;  
Porém do peito deploro,  
Não poder dar-te um sorriso.

Amei; num céu de ventura<sup>348</sup>  
Já sonhei gozos infindos;  
Mas toldou sonhos tão lindos  
Da descrença a noite escura.

Quanto amei! só Deus o sabe:<sup>349</sup>  
Eu tenho uma alma de fogo;  
Oh! findou-se o sonho logo,<sup>350</sup>  
Em meu peito amor não cabe.

Já nem resta-me a esperança!  
Apenas de quando em quando<sup>351</sup>  
Do passado um eco brando  
Vem soar-me na lembrança.

Não chores, virgem; teu pranto<sup>352</sup>  
Vai derramar junto à cruz,<sup>353</sup>  
Prantos de um anjo de luz  
Deus enxuga com seu manto.

Eu, que avistei no horizonte  
Bela estrela, hoje perdida,  
Não choro, tenho exaurida  
Já das emoções a fonte.

Volve, pois, os teus olhares  
Para a mansão da inocência,<sup>354</sup>  
Que a urna desta existência  
É cheia só de pesares.

Mas quando às bordas da campa  
Revolveres na memória  
Essa página da história  
Que a desdita nossa estampa,<sup>355</sup>

Nos finais suspiros teus  
Dirás com riso tristonho:<sup>356</sup>  
– O amor na terra é um sonho;  
Só se pode amar nos céus.

## QUE É AMOR?<sup>357</sup>

Já viste dois elos gêmeos<sup>358</sup>  
Mutuamente encadeados,  
Que mesmo estando afastados  
Perfazem um só grilhão?<sup>359</sup>

Já viste alegres voando  
Sempre a par, sempre juntinhas,  
Duas cândidas pombinhas  
Atadas por um cordão?

Já viste duas nascentes  
Que deslizando do monte  
Vêm depois numa só fonte  
Sobre os campos colear?

Já viste o íris celeste,  
Que descendo sobre a terra  
Em duas colunas erra,<sup>360</sup>  
Que vão no céu vincular?

Já viste duas ilhotas  
De nuvens no céu perdidas,  
Que mutuamente atraídas  
Vão no céu se confundir?

Já viste dois alvos lírios<sup>361</sup>  
Que do aroma que exalam  
Vão no céu por onde alam  
Um só aroma esparzir?

Tal é a imagem, donzela,  
Dessa humana divindade,  
Flor da sensibilidade,  
Que os homens chamam – amor.

É um enigma inefável,  
É um mistério profundo,  
Revelado a todo o mundo  
Por um rosto encantador.

Como as pombas enlaçadas,<sup>362</sup>  
Como as fontes, numa só,<sup>363</sup>  
Tal é o amor, um nó,  
Como os elos do grilhão.

Amor é íris celeste,  
Que prendendo as almas puras,  
Vai vincular nas alturas  
Afetos do coração.<sup>364</sup>

Como as nuvens que se atraem,  
Como o perfume do lírio  
Que se vai juntar no empíreo  
Aos aromas doutra flor,<sup>365</sup>

Assim as almas se atraem<sup>366</sup>  
Por força da simpatia;  
Tal ao céu aroma envia  
Das almas o puro amor.

Eis aí, donosa virgem,  
Do amor uma tosca imagem,  
Pois não explica a linguagem  
Mistérios do coração.

Mas eu sei que um anjo prende  
Nossas almas numa só,  
E que se chama esse nó  
Simpatia, amor, paixão.





Borboleta inconstante, volúvel,  
Mais que a folha do vento movida,  
Este amargo suspiro recebe,  
Leva aos aures da minha querida.<sup>367</sup>

Sim! Que um zéfiro brando deslize<sup>368</sup>  
Sob os remos com que tu navegas,  
E não turvem os céus tempestades,  
Nem te varram escuras refegas.<sup>369</sup>

Vai, pequeno, piedoso volátil,  
Por mim faze este bom sacrifício,  
Que a bonina gentil te receba,  
Que te preste a anêmona hospício.<sup>370</sup>

Vai beijando as florinhas; Augusta  
Lá no centro verás do jardim;  
Passa em frente na verde roseira,  
A mensagem refere-lhe assim:

Eu, inocente,<sup>371</sup>  
Ora voando,  
Ora pousando<sup>372</sup>  
Para buscar  
Meu alimento,  
Não tinha assento.

Eu não podia  
Pousar nas flores  
De mais licores  
Para os chupar;  
O vento dava<sup>373</sup>  
E me levava...

Um desgraçado,  
(Decerto o era!)  
Disse-me: espera,<sup>374</sup>  
Animal lindo,  
Vem adoçar  
Meu pranto infindo.

Conta a Augusta  
Os meus amores,  
Que colhe flores  
Sem suspirar;  
Quanto suspiro,  
Quanto deliro.

Conta que viste,  
Já sem encanto,  
Meu rosto pranto  
Triste banhar;<sup>375</sup>  
Ah! dize à bela<sup>376</sup>  
Que a causa é ela,

Conta que sorves  
Da flor a vida,<sup>377</sup>  
E que, bebida,<sup>378</sup>  
Vais divagar;<sup>379</sup>  
Que assim sem norte,<sup>380</sup>  
Dá-me ela a morte.<sup>381</sup>

Conta-lhe quanto  
És inconstante,<sup>382</sup>  
Sem um instante  
Jamais parar:  
Que tal ingrata,<sup>383</sup>  
Ela me mata...

Coas asas liba o pólen da cheirosa  
Rosa<sup>384</sup>  
Que no jasmíneo seio a donzela  
Zela,<sup>385</sup>

Mostra-lhe esquivo perto o mais orlado

Lado

Das franjas tuas; se ela te demanda,

Manda

Veloz adejo aonde não percorre...

Corre

Para quem pressuroso aqui te aguarda,<sup>366</sup>

Guarda

Contra ferros de amor laços amenos<sup>367</sup>

Menos

Que os que meu extremo aqui prepara<sup>368</sup>

Para

Uma paixão feliz que não se esvai.<sup>369</sup>

Vai...

## A...

Teus olhos são noite escura,  
Onde sorrindo fulgura  
Um raio da luz do céu;  
Neles tu'alma diviso,  
Como vejo o paraíso  
No cris do noturno véu.

Mas teus lábios, onde mora  
O sorriso e a cor da aurora,  
Encantos têm sem igual;  
Se és no olhar a noite escura,  
És nos lábios a pintura  
De uma aurora boreal.

Eu amo esses negros olhos  
Que revelam d'alma os folhos  
Com virginal isenção;<sup>390</sup>  
Que sorriem, que se inflamam,  
Que proferem, quando amam,<sup>391</sup>  
Linguagem do coração.<sup>392</sup>

Mas a palavra saída  
Pelos lábios tem mais vida,  
Mais fragrância e mais ardor,<sup>393</sup>  
Como sai mais viva a essência  
Na risonha florescência  
Do casto seio da flor.

Eu amo esses lábios, quando  
Fechados vejo imitando  
A descorchada romã,<sup>394</sup>  
Eu os amo prazenteiros  
Vazando risos fagueiros  
Como o sorrir da manhã.

Amo essa rosa vivente,  
Que o ardor de um beijo sente,  
Por ser a rosa do amor;  
E que em troco de carinhos  
Não dá cruentos espinhos  
Bem como do prado a flor.

Se de teus olhos, divina  
Vem a luz que me ilumina  
D'alma a espessa cerração,  
Dos lábios, bela, consente  
Desça a frase que avivente<sup>395</sup>  
Meu ferido coração!<sup>396</sup>

## CANÇÃO

Vem, meu bem, que o véu da noite  
Está bordado de estrelas:  
Estas horas são tão belas  
Para quem vive de amor!...

Quero ver por entre as sombras  
De teus olhos o fulgor!

Tudo repousa em silêncio!  
Apenas a fresca aragem  
Vem deixando na ramagem  
Apaixonado rumor.

Quero ouvir tua doce voz<sup>397</sup>  
Dizer-me frases de amor!

Mas tu não vens apressada  
Com teu semblante risonho:<sup>398</sup>  
Tu dormes; talvez em sonhos<sup>399</sup>  
Abraças o teu cantor.

Adeus! – voltarei ainda  
Pra cantar-te o meu amor!



## A ROSA BRANCA

Guarda essa flor, ó querida,<sup>403</sup>  
Sim, guarda-a por tua vida<sup>404</sup>  
Bem junto do coração;  
Ela é a flor da inocência,  
Inda não fanou-lhe a essência  
Nenhuma profanação.

Imita essa flor singela,  
Na candura a flor mais bela,  
Que nasce no coração:  
Senão verás de desgosto  
Coas asas cobrir o rosto  
O teu anjo guardião.

Colhi-a hoje do galho,  
Inda úmida do orvalho,<sup>405</sup>  
Da luz ao primeiro alvor;  
E já zéfiros ligeiros  
A cercavam bandoleiros  
Com muitos modos de amor.

Não depus nela um só beijo,  
Pois seria de sobejo  
Para manchar-lhe o candor;  
Para que logo murchasse,  
E de branca se tornasse  
Na mais purpurina cor.

Sê, pois, como essa florzinha,<sup>406</sup>  
Tenha ela uma irmãzinha<sup>407</sup>  
Dentro de teu coração:  
É a rosa da inocência,<sup>408</sup>  
Rosa de angélica essência,  
Que Deus só ama em botão.



## DESENGANO<sup>407</sup>

Vai-te, esperança,  
Com teu sorriso;  
Nele diviso  
Os laços teus.

Rompeu-se a venda  
Que me iludia;  
Eu não te via  
Coos olhos meus.

Tarde conheço  
Que entre carinhos<sup>410</sup>  
Cravas espinhos  
No coração.

Fui teu ludíbrico,<sup>411</sup>  
Mas os teus laços,  
Hoje em pedaços  
Feitos estão.

Hoje a descrença  
Meu peito habita;  
Minha alma aflita  
Trevas trajou.

E o bem que eu via  
No meu futuro,  
Num véu escuro  
Se eclipsou.

Porvir sonhado,  
Amor celeste,  
Nada me deste,  
Nada, cruel!

Do amor na taça  
Traguei ansioso  
Nas bordas – gozo,  
No fundo – fel.

Tu me traíste,  
Ó esperança!<sup>412</sup>  
Esta lembrança  
Me matará.

Vai-te, falsária,  
Já não te creio;  
Nem mais meu seio  
Te acolherá!...

## À MORTE DE UM PASSARINHO

*Ele amava o campo, as flores,  
O céu, a lua, as estrelas,  
E tudo... menos o amor!*

Byron

Não chores, Nise, a avezinha  
Que o fado roubar-te veio;  
Antes a morte em teu seio,  
Que a vida longe de ti.

Ela prendeu-se por gosto  
Em teus cabelos traidores,  
Preferiu grilhões de amores  
Às asas do colibri.

Enxuga pois os teus olhos,  
E sobre o túmulo dela  
Depõe a saudade bela  
Por epitáfio de amor!

Foi o amor quem te roubou<sup>413</sup>  
A feliz alada escrava,  
Pois quase inteira ocupava  
Teu fechado coração.

Amor quis deixar vazio  
Teu peito pra outro afeto,<sup>414</sup>  
Teu peito está de sueto,  
Agora, aprende a lição.<sup>415</sup>

## LEVIANA

Quando um beijo eu lhe pedia  
Ela dizia que – sim;  
Mas ao beijá-la fugia,  
Fugia longe de mim.

Se eu pedia, ela não dava;<sup>416</sup>  
Se eu ralhava, ela sorria;<sup>417</sup>  
Se eu fugia, ela chorava;<sup>418</sup>  
Se eu voltava, ela fugia.

Mas quando cismando vinha  
Sentar-se junto de mim,  
Não era a mesma louquinha,  
Jamais dizia que – sim.

E se eu a beijava então,  
O seu coração batia,  
E às suas faces subia  
O sangue do coração.<sup>419</sup>

Era formosa sorrindo,  
Mas era bela tristonha;  
Melancólica ou risonha,<sup>420</sup>  
Tinha sempre um rosto lindo.

Era o anjo que eu sonhara<sup>421</sup>  
Nos jovens sonhos de amor,  
Quando num só ajuntava  
Os do prazer, e da dor.

Não mais hão de os sonhos meus  
Sobre os céus ir procurá-la,  
Para na terra encontrá-la,  
Já não careço dos céus.

## CIÚMES

Talvez não seja assim! ela me amava,  
Sobre os joelhos meus jurou-me amor.<sup>422</sup>  
Seu peito no meu peito palpitava,  
E eu não fui traidor!

Com seus lábios de fogo me beijava...  
Seus lábios me juraram muito amor!  
Talvez não seja assim! ela me amava  
E eu não fui traidor!

Que importa um só sorriso a outrem dado,<sup>423</sup>  
Se num sorriso não se enxerga amor?  
Ela o jurou! eu era o seu amado,  
E eu não fui traidor!

Se aos outros mostra mais patente agrado,<sup>424</sup>  
Talvez ciúme... nisto eu vejo amor...  
Quem sabe? Mas eu era o seu amado,  
E eu não fui traidor!

## A UNS ANOS

*Crescent illae, crescetis, Amores.*

Virgílio<sup>425</sup>

Se é mais risonha a estação das flores,<sup>426</sup>  
A placidez do outono é mais amena;  
São amáveis, se diz, da aurora as cores,  
Ama-se a tarde tépida e serena.

Eis-te no outono; mas pra teus primores  
Flores ainda a natureza gera;  
O orvalho do céu fadou-te flores,  
És o outono a par da primavera.

Tu que viste descer ainda um ano  
Pela caudal torrente das idades,  
Sabes que a taça do destino humano  
Não se orna de jasmíns, mas de saudades.

Oh! a saudade é filha de outros prados,  
E procura nos céus a pátria bela,  
Refaz da vida os giros palmilhados,  
Sobe ao seio de Deus, origem dela.

E quem não sente no silêncio d'alma  
Uma lembrança vaga, indefinida,  
De uma pátria melhor, mais pura e calma,<sup>427</sup>  
De uma existência outrora já vivida?<sup>428</sup>

A saudade nasceu dessa lembrança,  
Gravada n'alma em vaporosos traços;  
Ela também é fonte da esperança,  
Que em sonhos nos conduz de Deus aos braços.

Esperança e saudade – eis os extremos  
Desta mundana, efêmera viagem...  
Não choremos um ano! não choremos!<sup>429</sup>  
Da terra ao céu é rápida a passagem!<sup>430</sup>

Assim corram teus dias – tão suaves  
Como a nuvem de abril, tão deleitosos<sup>431</sup>  
Como de tarde o cântico das aves,  
Galernos como os zéfiros mimosos.<sup>432</sup>

Se hoje o sol doura<sup>433</sup>  
Teu belo dia,  
N'alma a alegria  
É como o sol.

Ela desponta  
Por entre as dores,  
Como os fulgores  
Do arrebol.

Quem vê teus dias  
Como eu diviso,<sup>434</sup>  
Desprende um riso,<sup>435</sup>  
Que à alma vem,<sup>436</sup>

Criar virtudes  
De envolta em flores:<sup>437</sup>  
Eis teus amores,  
Eis o teu bem.<sup>438</sup>

Eu amo as flores,  
Amo a virtude,<sup>439</sup>  
Meu canto rude  
Sabe-as cantar.

Se a voz que então,  
Não tem encanto,  
Vem d'alma o canto,<sup>440</sup>  
Pois sei amar.<sup>441</sup>

# AOS ANOS DE UMA SENHORA

*Nunc formosissimus annus.*

Virgílio

Hoje o teu anjo mais um elo enlaça  
Na dourada cadeia de teus anos  
    Enramada de flores:<sup>442</sup>

Teu sol radia sem fanar-te a graça,<sup>443</sup>  
Os teus dotes celebra soberanos<sup>444</sup>  
    O gênio dos amores.

Virgem, é bela a aurora de teus dias,  
Belo o teu deslizar na flórea senda  
    Da fresca juventude;<sup>445</sup>  
Não deslustram teu céu nuvens sombrias,  
Nem do infortúnio a mão rasgou-te a venda  
    Da plácida virtude.

Inda na margem da existência cantas  
Cos sorrisos nos lábios, desfolhando  
    A rosa das delícias;  
Do tempo as ondas vêm lambe-te as plantas  
E para a outra margem vão levando  
    De teu ser as primícias.

E tu passas além – não vêem teus olhos  
O marco assente às bordas do caminho  
    Onde um ano se conta...  
É assim que o alción por entre escolhos<sup>446</sup>  
Vai descuidoso demandar seu ninho  
    Lá onde o sol desponta.



Mas eu, que prosseguindo nos teus passos  
Choro os meus dias, canto-te os momentos<sup>117</sup>  
De renovada aurora,<sup>448</sup>  
Hoje na lira vibro uns sons escassos,  
Quero ajuntar teu nome aos meus acentos  
Na cítara sonora.

Escuta: a fonte da vida<sup>449</sup>  
Límpida sempre não passa,  
Lá vem a mão da desgraça  
Suas ondas perturbar.

Nesta viagem terrestre  
O caminho é bronco e rude,<sup>450</sup>  
Só a destra da virtude  
Pode os teus passos guiar.

Há na terra um véu celeste  
Que protege a existência,  
É o manto da inocência,  
Da virtude o santo véu.

Goza, ó virgem, do perfume  
Dessa flor da mocidade,  
Que a pátria da f'licidade<sup>451</sup>  
Somente existe no céu.

Sê feliz: corram-te os anos  
Bem como a lua na esfera;  
E de tua primavera  
Sê tu a mais bela flor.<sup>452</sup>

Enquanto as auras da vida  
Teu baixel vão bafejando,  
Ama sorrindo, cantando:  
– Deus, a Virtude, o Amor! –<sup>453</sup>

Mas eu, que prosseguindo nos teus passos  
Choro os meus dias, canto-te os momentos<sup>447</sup>

De renovada aurora,<sup>448</sup>

Hoje na lira vibro uns sons escassos,  
Quero ajuntar teu nome aos meus acentos  
Na cítara sonora.

Escuta: a fonte da vida<sup>449</sup>  
Límpida sempre não passa,  
Lá vem a mão da desgraça  
Suas ondas perturbar.

Nesta viagem terrestre  
O caminho é bronco e rude,<sup>450</sup>  
Só a destra da virtude  
Pode os teus passos guiar.

Há na terra um véu celeste  
Que protege a existência,  
É o manto da inocência,  
Da virtude o santo véu.

Goza, ó virgem, do perfume  
Dessa flor da mocidade,  
Que a pátria da f'licidade<sup>451</sup>  
Somente existe no céu.

Sê feliz: corram-te os anos  
Bem como a lua na esfera;  
E de tua primavera  
Sê tu a mais bela flor.<sup>452</sup>

Enquanto as auras da vida  
Teu baixel vão bafejando,  
Ama sorrindo, cantando:  
– Deus, a Virtude, o Amor! –<sup>453</sup>

## NO TÚMULO DE UM INFANTE

Estrela d'alva ao despontar da aurora,  
Cedo tombei nos mares do ocidente;  
Despi da vida a túnica inocente,  
Contando apenas de existência uma hora.<sup>454</sup>

Regou meu pranto o maternal regaço,  
De um berço a orla foi meu horizonte;<sup>455</sup>  
Banhei as asas na sagrada fonte,<sup>456</sup>  
Leve remonto-me ao celeste espaço.

Eu vou depor nas mãos de um Pai mais terno<sup>457</sup>  
Da inocência o angélico tesouro;  
E terei por berço uma nuvem d'ouro,<sup>458</sup>  
Uma aurora melhor, um sol mais puro.

Ali, deitado aos pés da Divindade,<sup>459</sup>  
Trocaram-se em luz, da morte os vãos horrores;<sup>460</sup>  
Ai! a vida é um berço de mil dores,  
A campa o berço é da eternidade!

# À MORTE DE UM AMIGO<sup>461</sup>

## SONETO

Ah! quanto nada encerra a vida humana!  
Quanta vaidade em urna tão estreita!  
– Seiva que, ardida, à hora da colheita,  
Paga em cinza ao cultor fadiga insana!

Num labirinto a idéia em vão se ufana,  
Nem surte fé do Nazareno a seita...  
Consolos há que o coração rejeita,  
Aflições que somente o tempo aplanam.

Ah! quem do coração a melhor parte  
Viu-se arrancar-lhe, e hoje no jazigo  
Dum cadáver o túmulo comparte,

Da esperança não quer o verde abrigo...  
Rios de pranto quer para chorar-te,  
Amigo de minha alma, ó meu amigo!

À MORTE DE JOSÉ JACINTO<sup>462</sup>  
(DIAMANTINA)

Em meio estádio, ainda o sol a pino,  
Longe a risonha meta da viagem,  
Desço da campa à lóbrega voragem,  
Donde me chama a voz do meu destino.<sup>463</sup>

Morro, e no golpe extremo descortino  
Deus que me envia a célica mensagem;  
Vou bem cedo render essa homenagem  
Que ao Rei dos reis se deve, ao Rei divino.

Não choro a vida, não! mas quem pudera  
Calmo deixar a mãe desfeita em pranto  
E os amigos, na flor da primavera!

Mas, quer a sorte assim. Adeus, portanto,  
Todos vós que eu amei. O céu me espera,  
Volvo ao seio de Deus três vezes santo.

NAS CARNEIRAS DA IGREJA DE  
S. FRANCISCO DE ASSIS, EM DIAMANTINA.<sup>464</sup>

Eis, ó mortais, a última hospedagem  
Daquela noite de eternal repouso.  
Vede, a morte abre aqui o extremo pouso  
Desta mundana e efêmera viagem.

Longe da Campa os ouropéis da vida:  
Sera de Deus, a morte aqui retalha  
Ao pobre, ao rico, a funeral mortalha  
Que hão de trajar na lúgubre guarida.

Vós que chorais o pranto da tristeza,  
Vinde buscar alívio a vosso pranto:  
Tomais aos ombros de Francisco o manto,  
Deixai o resto a Deus e à Natureza.

Enxuga, Augusta, o teu pranto,  
Na barra da tua anágua:  
Pois, o teu pobre Aureliano  
Morre de *barriga d'água!*<sup>165</sup>

## IMPROVISO<sup>466</sup>

De soledade  
Já estou farto,  
Adeus que eu parto  
Para a Cidade.

Não sou ingrato,  
Mas quem pudera  
Viver no mato,  
Numa tapera.

Que bandalheira,  
Minha querida,  
Estás perdida  
Com a choradeira.

Limpa a ramela  
Menina bela,  
Olha que choro  
Não é namoro.



DÉCIMA  
(IMPROVISO)<sup>467</sup>

*Pedindo ao professor Inocêncio Campos  
um sueto para os seus alunos de latim,  
na cidade da Conceição.*

Este dia consagrado  
Ao grande São Sebastião  
Parece que com razão  
Devia ser feriado.  
Tudo anda num cortado,  
Todo o trabalho hoje cessa.  
E pois que a festa começa  
Fecha a aula neste dia,  
Que te pedem Mares Guia  
E Aureliano José Lessa.

## VISÃO

*Si virtus hoc una potest dare, fortis ommissis  
Hoc age deliciis.  
Horacio – Ep. 6<sup>a</sup>*

*Ecce panis angelorum...*  
Poesia Religiosa

Logo que uma centelha<sup>468</sup> do pensamento de Deus alvejou em meu espírito, eu me arrebanhei aos viajores do mundo:

E a fé tinha brotado em meu coração, e a coragem na minha frente.

Era um esquadrão de semblantes,<sup>469</sup> de muito sorrir nos lábios: e eu exclamei: – o<sup>470</sup> que é sorrir?

Vi também muitos homens, de muito pranto nos olhos: e então exclamei: – o<sup>471</sup> que é chorar?

Mas os homens só me responderam: – caminha!

E eu quis caminhar; mas entorpecia-me os passos um turbilhão de moços, velhos<sup>472</sup> e crianças, que de contínuo abalroando-se,<sup>473</sup> praguejavam, brigavam, cantavam, e soluçavam, estrangulando-se no meio de uma confusão infernal...

Eles rodavam em turmas por um sem conto de veredas baixas, elevadas<sup>474</sup> ou planas, escabrosas,<sup>475</sup> ou frias, ou torradas.

– Onde estamos? – bradei. – Por onde correis?

– Na esperança! – Reboou um concerto estrepitoso, díssono, e entusiasta. E depois indigitaram-me as minhas fronteiras:

E eu descobri o futuro – aquém da felicidade – esvoaçando pela amplidão do horizonte imenso;<sup>476</sup> e caminhei para lá...

Longo tempo estradei um dédalo de trâmites cancelados em todas as direções; e, quando mais próximo lobrigava o marco penúltimo da romaria, galgava, sem saber como, as orlas do empório da esperança.

Então perguntei-lhes um por um o que era – a felicidade.

E eu escutei o infante, o velho, a mãe, a donzela, o amante, o soldado, a esposa, o mercador, o sábio, o ignorante, o pai, o órfão, o padre, o rico, o pobre, o político, o literato, o cortesão, o rei, e o poeta:

Bem assim Platão,<sup>477</sup> Eróstrato, Epicuro, Demócrito, Zenon, Heráclito, Confúcio, Alexandre, Catão, Nero, Germânico, Iro, Crespo, e as duas Lucrécias.

Eis o que me disseram:

– A felicidade é a mocidade, a força, a formosura, a glória, a sabedoria, a riqueza, o prazer sensual, a mesa, o jogo, a dança, a orgia, e a honra.<sup>478</sup>

– A felicidade é o brilho do ouro enterrado em férreos caixões, a indolência do corpo e do espírito,<sup>479</sup> a glória militar, ou a tranquilidade doméstica<sup>480</sup> e familiar.<sup>481</sup>

– A felicidade é a vida do marinheiro, do sacerdote, da ave, da flor, do rei, do idiota, do assassino, e do louco, o amor, a contemplação<sup>482</sup> e a fé, a vida do probo, ou do ateu, e do hipócrita.

E quis refletir sobre tanta contradição, e harmonizá-las; mas a descrença enregelou-me as idéias, e gemi!...

O sopro de um demônio enlutava-me a inteligência,<sup>483</sup> e o meu cérebro era como o pavilhão do caos...

Foi então que murmurei aturdido um conjúrio horrível!...<sup>484</sup>

Ai! a aurora de minha existência, como a boreal, espancara as trevas de minha infância, e o clarão tinha passado como a sombra do mocho sobre um cadáver.

Ia invocar a onipotência do nada, quando...

– Olha! – disse-me um Grego, – e eu olhei...

Era um homem dentro de um tonel.

Alonguei os olhos pelo porvir, e vi patentes – os templos de Jano e Vênus.

Alonguei-os pelo passado, e vi deslizando nas águas do Nilo um recém-nado. Vapor escuro reбуçava o tope do Sinai.

Rouquejou pelo correr do tempo muita ambição, correu muito sangue, adoraram-se muitos ídolos.

Depois levantou-se<sup>485</sup> de entre a multidão um tumulto espantoso,<sup>486</sup> e aos<sup>487</sup> areis um alarido horrível e universal...

E o sentimento abandonou-me ao avistar a loucura total do gênero humano, – porque o gênero humano tinha enlouquecido.<sup>488</sup>

Após esse transporte frenético e brutal, meus olhos pairaram sobre um cadáver pendente de uma cruz...

– Quem é aquele? – bradei.

– A Fé, a Esperança, e a Caridade, – respondeu-se-me.

– E o<sup>489</sup> que é a Caridade, a Esperança, e<sup>490</sup> a Fé?<sup>491</sup>

– A felicidade.<sup>492</sup>

Então volvi-me para o futuro, e vi as nações prosternadas perante a Cruz<sup>493</sup> do Capitólio.

A paz reinava sobre a terra.

VARIANTES; NOTAS  
AOS VERSOS; GRALHAS E CURIOSIDADES  
DAS OUTRAS EDIÇÕES

- <sup>1</sup> “Deus disse: – é bom que surja o Universo,” em A; “Deus disse: – É bom que surja o Universo.”, em B. [V]
- <sup>2</sup> “No espaço luminoso.”, em B. [V]
- <sup>3</sup> “Como a saraiva ou como os grãos de areia”, em B. [V]
- <sup>4</sup> “Rodava a terra verde, e a lua pálida,” em A; “Rolava a terra verde e a lua pálida,” em B. Aproveitamos da lição de B a primeira palavra do verso, porque a raiz do verbo “rodar” traz a conotação de artifício humano (roda), enquanto o verbo “rolar” sugere tanto a ausência de intervenção humana, como fator causal, quanto a imensidade do espaço sideral. Por outro lado, adotamos a pontuação de A. [V/N]
- <sup>5</sup> “Ia a noite após elas,” em A. [V]
- <sup>6</sup> “Mas caiu sobre as trevas que fugiam,” em B. [V]
- <sup>7</sup> “Vem tombando, mugindo, e espumando”, em A. [V]
- <sup>8</sup> “Abre o condor as asas sobre nuvens,” em A; “Abre o condor as asas sobre as nuvens.”, em B. [V/G?]
- <sup>9</sup> “Leviatã dos ares;”, em B. [V/G?]
- <sup>10</sup> “Pelas campinas té beber no oceano,” em A. [V]
- <sup>11</sup> “Os pássaros cantando, a luz da aurora”, em A. [V]
- <sup>12</sup> “Té ali o tempo estava”, em B. Adotamos a lição de A, com as aféreses nas duas primeiras palavras, pela economia dos meios e para evitar o cacófato “ali o”. [V/N]
- <sup>13</sup> “Então milhões de mundos e mais mundos,” em B. [V]
- <sup>14</sup> “E recua admirado:”, em B. No exemplar de A, que utilizamos em cópia microfilmada, a projeção ampliada do verso revela que a vírgula do ponto-e-vírgula (;) está quebrada, o que poderia explicar a presença dos dois pontos (:); em B. [V/N]
- <sup>15</sup> “Derrama em torno, ao longe, o olhar vago,” em A. [V]
- <sup>16</sup> “Em vão percorre as grutas fatigado”, em B. [V]
- <sup>17</sup> “Pensa, medita, e erguendo-se mais forte”, em A. [V]
- <sup>18</sup> “Volve, revolve tudo, e o vazio –”, em B. [V]
- <sup>19</sup> “Súbito estaca palpitante o peito,” em A. [V]
- <sup>20</sup> “E coo abraço aberto...”, em A. [G/V?]
- <sup>21</sup> “Mas vendo a sombra abrir-lhe um terno abraço”, em A. [V]
- <sup>22</sup> “Ele exclamava: eras tu! E ela fugia”, em B. [V]
- <sup>23</sup> “E levantou-se o Amor!”, em B. [V]
- <sup>24</sup> “Ó terra, ó sol, ó noite, ó céus e mares!”, em B. [V]
- <sup>25</sup> “Fabricou e sustenta sobre os ares”, em B. [V]
- <sup>26</sup> “Que sábio a governa?”, em A. [V]
- <sup>27</sup> “E meu giro começou.”, em B. [V]

- <sup>28</sup> “Do infinito é tosca imagem,” em B. [V]
- <sup>29</sup> “Pra render minha homenagem”, em A. [V]
- <sup>30</sup> “Louvar ao Senhor nos céus...”, em A. [V]
- <sup>31</sup> “Eia, ó céus! ó terra, ó dia!”, em B. [V]
- <sup>32</sup> “Ó amor, ó noite sombria!”, em B. [V/G?]
- <sup>33</sup> Este verso não existe em B. [N]
- <sup>34</sup> “Na cúpula dos céus;”, em A. [V]
- <sup>35</sup> “Povos e mundos as seus pés baqueiam,” em B. Observe-se o cacófono: “e mundos”. [G/N]
- <sup>36</sup> “Astro, tu és a imagem da virtude”, em A. [G]
- <sup>37</sup> “espanca”: afasta, afugenta, dissipa. [N]
- <sup>38</sup> “Em vão! surris do mar à iníqua ira,” em A. [V/C]
- <sup>39</sup> “A nuvem te encobre;”, em A; “A nuvem não te encobre.”, em B. [V/G?]
- <sup>40</sup> “Ri da inveja a virtude, ela transpira”, em B. [V]
- <sup>41</sup> “Soçobra o mar erguidos hemisférios;”, em B. [V]
- <sup>42</sup> “É a urna que a luz eterna espelha”, em B. [V]
- <sup>43</sup> “Aquece o órfão nu; viva é a imagem”, em B. [V]
- <sup>44</sup> “Quem pode lê-la sem fitar lampejos”, em B. [V]
- <sup>45</sup> “Por cadeado eterno!?”, em B. [V]
- <sup>46</sup> “Ardente do perverso:”, em B. [V]
- <sup>47</sup> “Um dia, quando o Eterno alçando o braço,” em B. [V]
- <sup>48</sup> “Num pavoroso brado,” em B. [V]
- <sup>49</sup> “– Basta, disser, estalarás no espaço”, em B. Adotamos a lição de A, com a palavra de Deus em versalete, pelo valor expressivo que adquire, impressa dessa forma. [V/N]
- <sup>50</sup> “Quem és, brilhante enigma? ó Providência,” em B. Adotamos a lição de A porque o vocativo “Ó Providência” indica mudança de interlocutor, e, portanto, deve-se iniciar uma nova frase. [V/N]
- <sup>51</sup> “Lá descambou o sol. Vai descorando”, em A. [V]
- <sup>52</sup> “De semimortais cores, que se perdem”, em A. [V/G?]
- <sup>53</sup> “Como da seda azul, que a moça traja,” em A. [V]
- <sup>54</sup> “Galerna a viração farfalha, e brinca”, em A. [V]
- <sup>55</sup> “Queixosa a juriti na balsa arrula,” em A. [V]
- <sup>56</sup> “Coas duvidosas sombras do mistério!...”, em B. [V]
- <sup>57</sup> “Etéreos sons de pregrina orquestra,” em A. [V?/G?]
- <sup>58</sup> “Um doce peso o coração me oprime,” em A. [V]
- <sup>59</sup> “Que a terra suspendendo o giro, escuta”, em A. [V]
- <sup>60</sup> “Nos africanos céus o pobre escravo”, em B. [V]

- <sup>61</sup> "Exausto de fadiga te abençoa", em A. [V]
- <sup>62</sup> "Da noturna entrevista, e a donzela", em A. [V]
- <sup>63</sup> "- Talvez agora na floresta anosa", em A. [V]
- <sup>64</sup> "Proscrito errante o índio americano", em A. [V]
- <sup>65</sup> "Pára, e eleva-te um cântico selvagem", em A. [V]
- <sup>66</sup> "E tardes, como esta, ao triste Bardo!", em A. [V]
- <sup>67</sup> "Temeroso e fugaz: - a natureza", em A. [V]
- <sup>68</sup> "Nesta hora amável entre a dor, e o riso,", em A. [V]
- <sup>69</sup> "Extático no cume da montanha", em A. [V]
- <sup>70</sup> "Feroz não ruga o mosqueado tigre,", em A. [V]
- <sup>71</sup> "Tão misterioso, que parece um sonho.", em B. [V]
- <sup>72</sup> "Inimigo dos homens. Tarde ou nunca", em A. [V]
- <sup>73</sup> "Vela, gênio do bem. vela em seu sono!", em A; "Vela, gênio do bem, vela em teu sono!", em B. [G/V?]
- <sup>74</sup> "Doces lágrimas gotejam,", em B. [V]
- <sup>75</sup> "E mil zéfiros adejam.", em B. [G]
- <sup>76</sup> "Vem do teu amante ao lado", em B. [V]
- <sup>77</sup> "Com as aves aprender", em B. [G]
- <sup>78</sup> "Assim como a vez primeira", em B. [V]
- <sup>79</sup> "Nos abismos de minha alma", em B. [V]
- <sup>80</sup> "Inda não veio pousar.", em B. [V]
- <sup>81</sup> "Não erram nos céus estrelas,", em B. [V]
- <sup>82</sup> "Com sonoro crepitar", em B. [V?/G?]
- <sup>83</sup> "Sonhando ó virgem, comigo,", em B. [V]
- <sup>84</sup> Este verso e o anterior, assim como os dois versos subseqüentes, em A, estão deslocados para a esquerda, em relação ao padrão de alinhamento das outras estrofes, por uma distância igual à metade da distância que separa o alinhamento dos dois últimos versos de cada estrofe do alinhamento dos quatro primeiros. [N]
- <sup>85</sup> "Adeus, ó virgem, que o bardo", em B. [V]
- <sup>86</sup> "A noite", em B. Nessa edição, o vértice superior da letra "A" não foi impresso. [V/N]
- <sup>87</sup> "As angústias do meu peito", em A. [V/G?]
- <sup>88</sup> "Tão tristonha como eu.", em A. [G]
- <sup>89</sup> "Com as dores do peito meu.", em A. Este verso se repete, nessa edição, grafado "Com as dores do peito meo.", no final do poema. [V/N/C]
- <sup>90</sup> "Se tu velas só na terra", em A. [V]
- <sup>91</sup> "Se eu vivera num sepulcro.", em A. [G]



- <sup>92</sup> “Tão desgraçæo não fora”, em A. [G]
- <sup>93</sup> “Subia alegre, e traquino”, em A. [V]
- <sup>94</sup> “Supondo ser uma fada,”, em A. [V]
- <sup>95</sup> “Para ouvir sua toada,”, em B. [V]
- <sup>96</sup> “Estava mesmo pensando,”, em A. [V?/G?]
- <sup>97</sup> “Fiel não tem enfada,”, em B. [G]
- <sup>98</sup> “Que alguns disseram”, em A. Adotamos a lição de B porque o pronome “me” consolida o verso redondilho menor e a vírgula no final (entre sujeito e verbo) sinaliza a pausa entre a palavra e seu eco, embora esta regra não tenha sido seguida pelo poeta nos versos seguintes. [V/N]
- <sup>99</sup> “Verdade ou mentira;”, em A. Entre este verso e o seguinte, em B, há um espaçamento, sinalizando mudança de estrofe. Em A, o verso subseqüente encontra-se em outra página. [V/N]
- <sup>100</sup> “Que faz criar asas,”, em A. [V]
- <sup>101</sup> “Que se vai volvendo”, em A; “Que vai se volvendo,”, em B. [V]
- <sup>102</sup> “Pois, dai-me uma asas,”, em B. [G]
- <sup>103</sup> “Quero ir na corrente”, em B. [V]
- <sup>104</sup> “Dão”, em B. [V]
- <sup>105</sup> “Que o dia se esvai”, em B. [V]
- <sup>106</sup> Nenhuma das edições anteriores traz essas aspas. [N]
- <sup>107</sup> “Á DIAMANTINA”, em A. Sobre o acento na vogal “a”, cf. nota 291. [V/N]
- <sup>108</sup> “É uma flor que entre rubins desbrocha,”, em A. [V]
- <sup>109</sup> “Enquanto rói-lhe as vísceras o ferro”, em A. [V]
- <sup>110</sup> “Que sorriu-me ao nascer; aqui me trazem”, em A. Adotamos a lição de B, para evitar a ambigüidade existente em A, no que diz respeito ao nascimento (em A, fica sugerido que se trata do nascimento da ninfa, isto é, da cidade; quando é claro que se trata do nascimento do poeta). Além disso, a lição de B, que adota a próclise do pronome “me”, está conforme à prosódia brasileira. [V/N]
- <sup>111</sup> “Aí chorei no túmulo onde jazem”, em B. [V]
- <sup>112</sup> “Cujo seio habitei!”, em B. Adotamos a lição de A, para não perder o valor expressivo das reticências, que, neste verso, sugerem algo que se prolonga, que não termina, que se estende no tempo: a lembrança, a dor da perda. Observe-se que a palavra “seio”, neste verso, significa “parte íntima, âmago, ventre, útero.” [V/N]
- <sup>113</sup> “Vinde, amigos, oh! vinde, pressurosos”, em B. Adotamos a pontuação de A, pelo valor expressivo da ausência de vírgula entre as duas últimas palavras do verso. [V/N]
- <sup>114</sup> “Á DIAMANTINA”, em A. Sobre o acento na vogal “a”, cf. nota 291. [V/N]
- <sup>115</sup> Essa primeira estrofe deste poema foi traduzida para o inglês por Richard Burton, que a citou no capítulo VI, intitulado “To the Cidade Diamantina”,

de sua obra *Explorations of the Highlands of the Brazil* (Londres: Tinsley Brothers, 1869, II, p. 92-93). Cf. EULÁLIO, 1992, p. 227. Na tradução brasileira dessa obra, realizada por David Jardim Júnior, esses versos encontram-se à página 82. Cf. BURTON, 1977, p.82. [N]

- 116 Observe-se o cacófato, que corre novamente no quinto verso desta mesma estrofe: “como ela”. [N]
- 117 “Pela esmeralda do monte”, em B. [V]
- 118 “Salve, Atenas tão risonha,” em B. [V]
- 119 “Da verde e saudosa Minas!”, em B. [V]
- 120 “Rainha destas colinas,” em B. [V]
- 121 “Tu tens, ó rival de Orfir,” em B. “Ofir”: região do Oriente, onde o rei Salomão mandava buscar ouro. [G/N]
- 122 “Lá nos largos do futuro;”, em B. [V]
- 123 “Pede estrelas ao céu, ao campo flores,” em A. [V]
- 124 “Ecuridão à noite, ao sol fulgores,” em A. [V]
- 125 “Tempestades aos mares;”, em A. [V]
- 126 “Pede ao berço a inocência e a candura,” em A. [V]
- 127 “Pede à virtude a alma da ventura,” em A. [V]
- 128 “– Vês? na extrema, aurinegra nuvem passa;”, em A. [V]
- 129 “Que tombam nas campinas.”, em B. [V]
- 130 “– Vai regar mansamente, entre verdores,” em B. [V]
- 131 “Ergue as vistas ao céu, e, se és poeta,” em B. [V]
- 132 “Para além do hemisfério.”, em B. [V]
- 133 “Mundos, céus, ao redor, mais céus, mais mundos,” em B. [V]
- 134 “Deus envolto em mistério!”, em B. [V]
- 135 “Em vão minha alma sôfrega procura”, em B. [V]
- 136 “No terra seus vestígios...”, em A. [G]
- 137 “Só na virtude – Sono de desejos –”, em B. [V]
- 138 “E, que ela vive olhando a sepultura,” em B. [V?/G?]
- 139 “Ou por entre trevas lhe fulgura”, em A. O verso, nesta forma, é eneassílabo. [V/N]
- 140 “Se evaporar-se deve em esperança”, em A. [V]
- 141 “Eu vou sentar-me a sós com as minhas mágoas,” em A. [V]
- 142 “Com os meus suspiros na fragosa crista”, em A. [V]
- 143 “Ali não vejo os homens: – sobre as águas”, em B. [V]
- 144 “E sinto esses momentos que gotejam,” em B. [V]
- 145 “Correu do Índio o pranto!”, em B. [V]

- <sup>146</sup> “Ali n’harpa dos ermos entoara”, em A. [V]
- <sup>147</sup> “Nos bosques indianos;”, em B. [V]
- <sup>148</sup> “Então quisera ter nas mãos o copo”, em B. [V]
- <sup>149</sup> “Vazou-me as esperanças;”, em A. [V]
- <sup>150</sup> “Então, Senhor, bendigo a dor, que estua”, em A. [V]
- <sup>151</sup> “Posso chorar, aqui não hão de o rosto”, em A. [V]
- <sup>152</sup> “Com o pranto em minha face;”, em A. [V]
- <sup>153</sup> “Que as urnas do prazer e dor vazando;”, em B. [V]
- <sup>154</sup> Entenda-se: que faz as urnas do prazer e da dor, vazando, casarem-se em brando enlace. [N]
- <sup>155</sup> “Senhor! Possa de tuas mãos soltar-se”, em A. [V]
- <sup>156</sup> “De humanos pensamentos”, em A. [G]
- <sup>157</sup> “Deixando as de alegre cores;”, em A. [G]
- <sup>158</sup> “Nela vejo, refletida;”, em B. Por “refletida” entenda-se: o reflexo. [V/N]
- <sup>159</sup> “De um coração que, distante;”, em B. [V]
- <sup>160</sup> “No fundo a vista não divisa o ceno;”, em A. [V]
- <sup>161</sup> “Assim dentro do peito escondo as dores”, em A. [V]
- <sup>162</sup> “Não choro, não! – de angústias flagelado”, em B. [V]
- <sup>163</sup> “E momentos mais longos do que os anos.”, em A. [V]
- <sup>164</sup> “Que dobram minha frente; – a desventura”, em A. [V]
- <sup>165</sup> “As dores d’alma, sim; ela somente”, em A. [V]
- <sup>166</sup> “Se procuro, cruel; deixar de ver-te;”, em A. [V]
- <sup>167</sup> “Se para alívio meu busco falar-te;”, em A. [V]
- <sup>168</sup> “Ouve; escuta meus ais, e meus lamentos!”, em A. [V]
- <sup>169</sup> Péricles Eugênio da Silva Ramos incluiu uma outra versão deste poema em *Poesia romântica: antologia* (São Paulo: Melhoramentos, 1965. p.182), com o título “Meus Votos”. A fonte utilizada por ele foi Pires de ALMEIDA (*A escola byroniana no Brasil*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1962. p. 116). Essa outra versão pode ser lida nesta edição, no Apêndice V, ao final do volume. [N]
- <sup>170</sup> “Mas em vão busca amor a minha alma;”, em B. [V]
- <sup>171</sup> “Quando chega de outros climas”, em B. [V]
- <sup>172</sup> “A primavera da vida;”, em B. [V]
- <sup>173</sup> Observe-se, neste e no primeiro verso da estrofe seguinte, o cacófato “Como ela”. [N]
- <sup>174</sup> “Volto à casa conhecida;”, em A. [V]
- <sup>175</sup> “Este céu fala a meus olhos”, em A. [V]

- 176 "Minh'alma estas flores ama", em B. [V]
- 177 "Adeus! que a minha me arrasta,", em A. [V]
- 178 "Da minha vida os pálidos momentos,", em A. [V]
- 179 "Para descanso ao trabalhoso dia,", em A. [V]
- 180 "Da espécie humana os omimosos fados.", em A. [G]
- 181 "Junto da Cruz que o cemitério alteia;", em A. [V]
- 182 "A alguma cova hiante, úmida e feia.", em A. [V]
- 183 "Da minha vida os derradeiros elos", em A. [V]
- 184 "Um por um se desprendem denegridos", em A. [V]
- 185 "Minh'alma impele às regiões ignotas,", em B. [V]
- 186 "Na destra fria do expirante Bardo,", em A. [V]
- 187 "Passam e fogem, trépidos cardumes", em B. Adotamos a lição de A, porque a imagem "pousam e fogem" é mais intensa e eficaz do que "passam e fogem". A expressão "passam e fogem" nos pareceu vinculada à idéia de cardume, coletivo de peixes, à qual o verbo "pousam" não se ajustaria. Entretanto, o poema é claro: trata-se de um "cardume de idéias". [V/N]
- 188 "Sobre o perdido viajor da terra;...", em B. [V?/G?/C?]
- 189 "Triste, exalando, em suspirosos cantos,", em B. [V]
- 190 "Renasciam cruéis... oh! a desgraça", em B. [V]
- 191 "Quebrar esta crisálida de argila", em B. [V]
- 192 "E como ao lume a impróvida pirausta", em A; "pirausta": inseto lepidóptero. [V/N]
- 193 "Ao turvo céu de minha juventude,", em A. Adotamos a lição de B por julgarmos a preposição "em" mais ajustada ao sentido do verbo "adejar" (dar vôos curtos e repetidos sem direção certa); a preposição "a" introduz uma idéia de direção determinada que não casa bem com esse verbo. [V/N]
- 194 "Sempre, sempre, surgiu a escura imagem", em B. [V]
- 195 "Dalguma dor atroz, e a seu aspecto", em A. [V]
- 196 "Meus belos sonhos tímidos fugiam.", em B. [G]
- 197 "milhafre": ave de rapina. Em A, vem "milafre". [N/C]
- 198 "Cantei, para olvidar o interno incêndio,", em B. [V]
- 199 "Essa chama do céu que abrasa o vate,", em B. [V]
- 200 "Como imortal pirâmide, que avulta", em A. [V]
- 201 "É Deus que pôs a mão no meu espírito", em A. Adotamos a lição de B; com a ausência do artigo, o verso expressa o gesto de Deus com maior suavidade. [V/N]
- 202 "Dai-me a minh'harpa, eu quero como o cisne", em B. [V]
- 203 "No ermo dos bosques decantei teu nome,", em B. [V]
- 204 "Minhas preces entoar coas vozes dela,", em A. [V]

- <sup>205</sup> “Do meu corpo olvidei, as mesmas feras”, em B. [V]
- <sup>206</sup> “Buscando um hino para decantar-te...”, em B. [V]
- <sup>207</sup> “E no deserto as flores, pra juntar-te”, em B. [G?/V?]
- <sup>208</sup> “Eu encarei a sol meridiano”, em A. [G]
- <sup>209</sup> “Envolto em chamas de rubenta brasa”, em A. [V?/C]
- <sup>210</sup> “Por que tão cedo as forças me deixaram?!”, em B. [V]
- <sup>211</sup> “Senhor, prostrado, exânime, sem vida”, em A. [V]
- <sup>212</sup> “Pelos homens, e anjos!”, em A. [V]
- <sup>213</sup> “Onde habita o mistério envolto em trevas”, em A. [V]
- <sup>214</sup> “Nas urzes do caminho; porque, embalde”, em B. [V]
- <sup>215</sup> “Ah! que monta viver?... sorver aos poucos”, em A. [V]
- <sup>216</sup> “Té às fezes um cálice de angústias”, em A; “fezes”: borra, sedimento, depósito de matérias suspensas ou dissolvidas num líquido. [V/N]
- <sup>217</sup> “Vivo se proclamar o moribundo!...”, em A. Entenda-se: o moribundo se proclamar vivo. [V/N]
- <sup>218</sup> “Dizer-se amor – dos corações as chagas”, em A. [V]
- <sup>219</sup> “Sempre de cinzas; felicidade – um nome”, em B. [V]
- <sup>220</sup> “Oh! desça ante os meus olhos a cortina”, em B. [V]
- <sup>221</sup> “Que tenho n’alma fundo qual abismo”, em A; “Que tenho na alma, fundo qual abismo”, em B. [V]
- <sup>222</sup> “Su’alma é como a flor que o sol desbrocha”, em A; “desbrocha”: o mesmo que desabrocha. [V/N]
- <sup>223</sup> “Ruge seu coração, vibra em cardumes”, em A. [V]
- <sup>224</sup> “aspecto”: semblante, fisionomia. [N]
- <sup>225</sup> Não foi atualizada a grafia da palavra “tecto” (teto) por causa da rima com “aspecto”. [N]
- <sup>226</sup> “Adonai”: entre os hebreus, um dos nomes da divindade. [N]
- <sup>227</sup> “Ele passa gemendo entre os humanos”, em A. [V]
- <sup>228</sup> “A ele a noite, e os aquilões vesanos”, em A. Por “aquilões vesanos” entendam-se: os ventos da loucura ou da insanidade. [V/N]
- <sup>229</sup> “Aos outros, de prazer em flórea taça”, em A; “Aos outros, – de prazer em flórea taça”, em B. [V]
- <sup>230</sup> “Deixai que o próprio coração devore”, em A. [V]
- <sup>231</sup> “Nos caminhos da vida ele sentado”, em A. [V]
- <sup>232</sup> “A caravana dos vivos;”, em A. [V]
- <sup>233</sup> “E expande o sonho da feição rugosa”, em A; “E expande o senho da feição rugosa”, em B. [C/G?]
- <sup>234</sup> “Que conduz pela mão;”, em A. [V]

- 235 "Que a conduz ao porvir, que sempre avança", em A. [V]
- 236 "Qual fugaz nuvem, té que se desfaça,", em A. [V]
- 237 "Nuvem, e ilusão.", em A. [V]
- 238 "Mostra a cruz à virtude, e além aponta", em A. [V]
- 239 "Que há pouco eram alfanjes.", em A. [V?/G?]
- 240 "Ele ama o sol – da Providência imagem,", em A. [V]
- 241 "Ouve um perfume no expirar da aragem,", em A. [G]
- 242 "Ouve a voz do Deus forte.", em B. [V]
- 243 "Como a de harpa eólica.", em B. [V]
- 244 "É que a fonte da vida um Deus somente", em A. [V?/G?]
- 245 "Que ardendo se evapora,", em B. [G]
- 246 "Qual bélico cantar que exala quedo", em B. [G]
- 247 "Na mavórcia tuba os últimos alentos", em A. Evidentemente, o verso de B é o correto, pois o de A é hendecassílabo. Todo o poema é composto de versos decassílabos combinados com hexassílabos. [V/N]
- 248 "O mocho, e, pela abóbada fendida,", em B. [V]
- 249 "Desceram para os túmulos, e eu vivo", em B. [V]
- 250 Este verso é decassílabo; deve ser lido com eclipse: "Há de orvalhar-me coas roçantes asas". [N]
- 251 Este poema foi incluído por Péricles Eugênio da Silva Ramos em *Poesia romântica: antologia* (São Paulo: Melhoramentos, 1965. p. 183-184). [N]
- 252 "E responde teu rincho fogado", em A. [V]
- 253 "Que eu aí ceifarei como espiga", em A e em B; mas "Que eu aí ceifarei como espigas", em E. Acatamos a correção de Péricles Eugênio da Silva Ramos. [V/N]
- 254 "Da seara coa espada na mão!", em A. [V]
- 255 "Teu galope é veloz como o raio,", em A. [V]
- 256 "São meus golpes letais onde caio,", em A. O verbo "cair", nesta ocorrência, significa "atacar, chegar, sobrevir inesperadamente". [V/N]
- 257 "Esse bosque enfaixado de lanças," em A e em B; mas "Esse bosque enfeixado de lanças," em E. Acatamos a correção de Péricles Eugênio da Silva Ramos. [G/V?/N]
- 258 "E mil crânios, e ossos enterra", em A. [V]
- 259 "Tua cauda orgulhosa é açoute", em A. [V]
- 260 "Minha espada é mais clara que o Sol!", em E. [V]
- 261 "Quem de ver-nos tiver a desgraça,", em B e em E. [V]
- 262 "Oh! Não dera estes campos medonhos", em B e em E. [V]
- 263 "Mil perigos que vêm de tropel!", em E. [V]

- 264 “Minha espada é meu cetro, e tesouro,” em A. [V]
- 265 “O cipreste verde e triste”, em B. [V]
- 266 “Deus na linguagem das flores”, em A. [V]
- 267 “Na sultana dos amores”, em A. [V]
- 268 “Nessas ervas e verdores”, em B. [V]
- 269 “Qualquer outra criatura,” em A. [V]
- 270 “Não pode da desventura,” em B. No exemplar oferecido à Redação da *Idéia Nova* por Joaquim José Pedro Lessa, irmão do poeta e colecionador de seus poemas, as palavras “Não pode”, do verso, estão riscadas por um traço horizontal, e, à esquerda do verso, pode-se ler manuscrito, com a mesma caligrafia da dedicatória: “Na polé”. [G/N]
- 271 “Pois no cipreste hei tido”, em A. [V]
- 272 “Guardo dele na minha alma!” em B. [V]
- 273 “Toda a minha mocidade.” em B. [G]
- 274 “Nos braços da felicidade”, em A. [V]
- 275 “Fonte era límpida, e mansa,” em A. [V]
- 276 “Sim, tudo isto retraza”, em A; e “Sim tudo isso retraza”, em B. [V]
- 277 “Minha sorte triste, e dura;”, em A. [V]
- 278 “Teus olhos são como a noite”, em A. [V]
- 279 “É sem razão”, em B. [G]
- 280 “Tua face é como a aurora”, em A. [V]
- 281 Manuel Bandeira incluiu este poema em sua *Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica* (Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1949, p. 158-159), tendo adotado integralmente a lição de A. Péricles Eugênio da Silva Ramos o incluiu em sua *Poesia romântica: antologia* (São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 181), aproveitando o texto publicado por Pires de Almeida (*A escola byroniana no Brasil*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1962, p.133-134), que considerou “melhor que o das *Poesias Póstumas*, em qualquer das duas edições.” Edgard Cavalheiro, que também o incluiu em *Panorama da poesia brasileira II: o Romantismo* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959, p. 104-105), embora tenha citado a edição B, como fonte, não a segue fielmente. [N]
- 282 “Dizes que meu amor te encanta a vida”, em B. [V]
- 283 “Mas tens a face de prazer tingida”, em E. [V]
- 284 “Mata as rosas do rosto de improviso,” em E. Péricles Eugênio da Silva Ramos considera pior a lição que adotamos, “pois junta na mesma frase ‘de improviso’ e ‘logo’.” Entendemos que a lição de A e de B, aqui adotada, não é pior; ela expressa duas circunstâncias concorrentes. [V/N]
- 285 “Olha: minha alma é pálida e tristonha,” em E. [V]
- 286 “Minha fronte é nublada, e sempre aflita,” em B e em D; “Minha fronte enublada e sempre aflita;”, em E. [V]

- 287 “Entretanto, uma imagem, bem risonha”, em B e em D. [V]
- 288 “Dentro em minha alma habita.”, em E. [V]
- 289 “Mas esse ermo sorrir, que eu tenho n’alma.”, em A e em C; “Mas esse ermo sorrir que tenho n’alma.”, em B e em D; “Mas esse ermo sorrir que eu tenho n’alma”, em E. Adotamos a pontuação de A, mas o texto de B. [V/N]
- 290 “É o sorrir da estrela em noite calma”, em A, em C e em E. [V]
- 291 Manuel Bandeira redigiu a seguinte nota para este verso: “O *a* está acentuado.” Era uso corrente no século XIX o pôr acento agudo no “a” para distinguir a preposição (acentuada) do artigo (não acentuado) ou quando havia ocorrência de crase. Nesta edição não assinalamos esses casos; eles foram considerados atualizações ortográficas. [N]
- 292 “Troca o riso por pálida beleza;”, em B e em D. [V]
- 293 Este poema foi incluído por Manuel Bandeira em sua *Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica*. (Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1949. p. 159-160), tendo utilizado a edição A como fonte. [N]
- 294 “Mais bela que as sílfos, que em plácidos sonhos”, em A. Manuel Bandeira corrigiu o verso em sua edição. [G/N]
- 295 “Mais bela que um – quero – de lábios risonhos.”, em B. [G]
- 296 “Que os astros da noite mais bela, mais bela!”, em B. [G]
- 297 Em B falta este verso. [N]
- 298 “Mais pura que a límpida fonte deitada”, em A, em B e em C. Este é um dos dois únicos casos em que introduzimos pontuação inexistente nas edições anteriores a esta. O outro caso foi registrado na nota 463. [N]
- 299 “Na cândida areia, mais pura que a brisa.”, em A e em C. [V]
- 300 “Nas folhas, mais pura que prece sagrada.”, em A e em C. [V]
- 301 Na *Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica* (Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1949), Manuel Bandeira introduziu, neste verso, a seguinte nota: “Deve-se ler ‘nuvẽ azulada’, fazendo uma sílaba só de *vã*.” [N]
- 302 “Mais pura que uns olhos morrendo de amores.”, em B. Na antologia organizada por Manuel Bandeira, que utilizou como fonte a edição aqui designada por A, este verso vem assim: “Mais meiga que uns olhos molhados de amores.” [V/N]
- 303 “Na florida veiga;”, em B. Todos os versos pentassílabos deste poema são acentuados na segunda e na quinta sílabas. [V/N]
- 304 “Mais doce que o canto sem causa, sem dores.”, em A e em C. [V]
- 305 “Que um beijo furtivo da virgem medrosa”, em B. Adotamos o verso que não traz o artigo definido antes da palavra “virgem” por o julgarmos mais adequado ao contexto da estrofe, que se refere, por exemplo, em seu primeiro verso, a “uns olhos”. [V/N]
- 306 “De corpo reveste:”, em A e em C. [V]
- 307 “Não fosse ela um anjo celeste encarnado.”, em C. [V]



- <sup>308</sup> Em B, a palavra “Rosa” vem grafada com inicial maiúscula. Em A, todo o título do poema vem grafado em maiúsculas. [N]
- <sup>309</sup> “Não é para contar cenas de amores”, em B. [V?/G?]
- <sup>310</sup> “Que erram meus dedos sobre as frouxas cordas”, em B. [V]
- <sup>311</sup> “Dimanam como outrora os versos fáceis”, em A. [V]
- <sup>312</sup> “Que a ventura inspira.”, em B. [V]
- <sup>313</sup> “A mente angustiada; – eu canto amigos”, em A. [V]
- <sup>314</sup> “Com verdadeira mágoa e que gemendo”, em B. [V]
- <sup>315</sup> “Canto para entanar sobre minh’ harpa”, em B. [G]
- <sup>316</sup> “Co muito imaginar, e que não posso”, em A. [V]
- <sup>317</sup> “Falava-me do céu, e filha dele”, em A. [V]
- <sup>318</sup> “Um sol de fogo e a lua esmorecida;”, em B. [V]
- <sup>319</sup> “Pra mim cantava o sabiá canoro”, em A. [V]
- <sup>320</sup> “E os ecos da montanha repetiram”, em A. [V]
- <sup>321</sup> “Mais doce do que o mel, vibrei-lhe as cordas”, em A. [V]
- <sup>322</sup> “De glória, e de prazer!... Oh que é das flores”, em A. [V]
- <sup>323</sup> “Ó minha pomba tímida, e inocente?”, em A. [V]
- <sup>324</sup> “Ó minha lira triste, e malfadada?”, em A. [V]
- <sup>325</sup> “Que afaga a mente, rápido evapora-se...”, em A. Adotamos a lição de B, por entendermos que a vírgula, no meio do verso, sugere pausa; a conjunção “e” acelera o andamento do verso, harmonizando-lhe o som com o sentido. [V/N]
- <sup>326</sup> Este verso não existe em B; e o verso anterior termina com vírgula. Em A, o artigo “a” que antecede a palavra “verde” traz acento agudo. O acento agudo, naquele tempo, era utilizado para indicar a ocorrência de crase ou, simplesmente, distinguir o artigo da preposição (esta é que era acentuada). [N]
- <sup>327</sup> “Mas chora, geme, e suspira.”, em A. [V]
- <sup>328</sup> “Que mais me resta esperar?”, em B. [V]
- <sup>329</sup> “A Musa da minha lira”, em B. [V]
- <sup>330</sup> “Porque tu és a ventura,”, em B. Esse verso é repetido duas vezes, neste poema, em A e em B, mas sem a vírgula final. Em A a grafia do verso (Por que/Porque) só difere da de B na primeira ocorrência. [C/N]
- <sup>331</sup> “Da noite o véu,”, em B. [V]
- <sup>332</sup> “A cor do lis,”, em A; “A cor da lis.”, em B. [V/G?]
- <sup>333</sup> “Da graça o colo garboso”, em B. [V?/G?]
- <sup>334</sup> “Vem, pois. men anjo, eu preciso”, em A. [G]
- <sup>335</sup> “Prender-me da trança aos molhos”, em A. [V]
- <sup>336</sup> “Como de pomba dous seios”, em A. [V]
- <sup>337</sup> “Que, em uniformes anseios,”, em B. [V]
- <sup>338</sup> “Dá-me as mãos, quero beijá-las,”, em A. [V]

- 339 "Pois num abraço pressinto," em B. [V]
- 340 "Vão-te quebrar pelo cinto", em A. [V?/C]
- 341 "Circundada na tua florescência.", em A. A lição de A não justificaria a palavra "não", no verso anterior, já que o poeta compara a amada à rosa. A lição de B, por sua vez, introduz um problema na estrofe, pois apenas os dois últimos versos fazem parte da interrogação. [V/N]
- 342 "Toda a ação nobre eu vivamente acato;", em B. [V]
- 343 "Move a flor que está fechada", em B; "Morre a flor, que está fechada", em A. [G?/V?]
- 344 "Que vela a tua existência", em A. [V]
- 345 "Levanta pois os teus olhos", em B. [V]
- 346 "Para o claro azul dos céus;", em A. [V]
- 347 "Lá verás anjos e Deus," em B. [V]
- 348 "Amei. Num céu de ventura", em B. [V]
- 349 "Quanto amei, só Deus o sabe!", em B. [V]
- 350 "Oh! findou-se o sonho logo;", em B. [V]
- 351 "Apenas, de quando em quando.", em B. [V]
- 352 "Não chores, virgem, teu pranto", em A. [V]
- 353 "Vai derramar junto à Cruz;", em B. [V]
- 354 "Para a mansão da inocência", em A. [V]
- 355 "Que a desdita nossa estampa;", em A. [V]
- 356 "Dirás com riso tristonho:", em A. [G]
- 357 "O QUE É AMOR?", em A. [V]
- 358 "Já viste dous elos gêmeos", em A. [V]
- 359 "Prefazem um só grilhão?", em A. Adotamos a lição de B, por entendermos que o sentido de "perfazer" é o de totalidade, expresso pelo prefixo "per", e não o de anterioridade, expresso pelo prefixo "pre". [V/N]
- 360 "Em duas columnas erra," em B. [G]
- 361 "Já viste dous alvos lírios", em A. [V]
- 362 "Como os pombos enlaçados," em A. [V]
- 363 "Como as fontes numa só," em B. [V]
- 364 "Afetos do coração", em B. [G]
- 365 "Aos aromas doutra flor:", em B. [V]
- 366 "Assim as almas atraem", em A. [V]
- 367 "aures": ouvidos. [N]
- 368 "Que um zéfiro brando deslize", em A. [V]
- 369 "E não varram-te negras refregas.", em A; "refegas": variante dissimilada de "refregas" (ventos tempestuosos). [V/N]
- 370 Entenda-se: "que a anêmona te ofereça hospedagem." [N]

- 371 "Eu inocente," em B. [V]  
372 "Ora pousando," em B. [V]  
373 "O vento dava," em A. [V]  
374 "Disse-me: - espera," em A. [V]  
375 "Triste banhar," em A. [V]  
376 "Ah! dize à bela," em A. [V]  
377 "Da flor a vida", em B. [V]  
378 "E que bebida", em A. [V]  
379 "Vás divagar;", em A. [V?/C]  
380 "Que assim sem norte", em B. [V]  
381 "Me ela dá morte.", em A. [V]  
382 "És inconstante", em B. [V]  
383 "Que tal, ingrata," em B. [V]  
384 "Rosa," em A. [V]  
385 "Zela:", em A. [V]  
386 "Para quem pressuroso aqui te aguarda;", em B. [V]  
387 "Contra ferros de amor laços amenos;", em A. [V]  
388 "Que os que meu extremo prepara", em A. [V]  
389 "Uma prisão feliz que não se esvai," em A. [V/G?]  
390 "Com original isenção;", em B. [V/G?]  
391 "Que proferem, quando amam", em A. [V]  
392 "Linguagens do coração.", em A. [V]  
393 "Mais fragância e mais ardor," em B. [G]  
394 "descorchada": descascada, sem o revestimento externo. [N]  
395 "Desça a frase, que avivente", em A. [V]  
396 "Meu ferido coração.", em B. [V]  
397 "Quero ouvir tua voz doce", em A. [V]  
398 "Com teu semblante risonho," em A. [V]  
399 "Tu dormes, talvez em sonhos", em A. [V]  
400 "Quando após longa e pensativa pausa," em A; "Quando, após longa e pensativa pausa", em B. [V]  
401 "Baixa do céu e pousa na minha alma", em B. [V]  
402 "Banha-me o coração, cerca minha alma," em B. [V]  
403 "Guarda essa flor, ó querida", em B. [V]  
404 "Sim, guarda-a por tua vida," em B. [V]  
405 "Inda úmida do orvalho", em A. [V]  
406 "Sê pois como a florzinha," em A. [V]

- <sup>407</sup> “Tenha ela uma irmãzinha,” em B. [V]
- <sup>408</sup> “– É a rosa da inocência”, em B. [V]
- <sup>409</sup> Em B, as estrofes pares deste poema vêm deslocadas para a direita; em A, todas as estrofes se alinham à esquerda. [N]
- <sup>410</sup> “Que entre carinhos,” em B. [V]
- <sup>411</sup> “Fui teu ludíbrico:”, em A. [V]
- <sup>412</sup> “Ó esperança”, em B. [V]
- <sup>413</sup> “Foi o amor, quem roubou-te”, em A. [V]
- <sup>414</sup> “Teu peito para outro afeto.”, em B. [V]
- <sup>415</sup> “Agora aprende a lição”, em B. [V/G]
- <sup>416</sup> “Se eu pedia, ela não dava,” em A. [V]
- <sup>417</sup> “Se eu ralhava, ela sorria,” em A. [V]
- <sup>418</sup> “Se eu fugia, ela chorava,” em A. [V]
- <sup>419</sup> “O sangue do coração”, em B. [G]
- <sup>420</sup> “Melancólica, ou risonha,” em A. [V]
- <sup>421</sup> “Era o anjo que eu sonhava,” em B. Adotamos a lição de A porque o uso de pretérito mais-que-perfeito (sonhara) introduz no poema uma dimensão temporal que o enriquece. [V/N]
- <sup>422</sup> “Sobre os joelhos meus jurou-me amor,” em A. [V]
- <sup>423</sup> “Qu’importe um só sorriso a outrem dado,” em A. [V]
- <sup>424</sup> “Se aos outros mostra mais patente agrado.”, em B. [G]
- <sup>425</sup> Esta epígrafe vem apenas em A. Em B, substituindo-a, há um segmento de linha pontilhada entre parênteses. [N]
- <sup>426</sup> “Se é mais risonha a estação das flores”, em A. [V]
- <sup>427</sup> “De uma pátria melhor, mais pura, e calma,” em A. [V]
- <sup>428</sup> “De uma existência outrora já vivida.”, em B. [V?/G?]
- <sup>429</sup> “Não choremos um ano! não choremos”, em A. [V]
- <sup>430</sup> “Da terra ao céu a rápida passagem!”, em A. [V]
- <sup>431</sup> “Como a nuvem de Abril, tão deleitosos”, em A. [V]
- <sup>432</sup> “Galernos como os zéfiros mimosos”, em A. [G]
- <sup>433</sup> “Se hoje o sol doura.”, em A. [G]
- <sup>434</sup> “Como eu deviso,” em A. O *Dicionário da língua portuguesa*, de Antônio de Moraes Silva, registra, entre os sentidos do verbo “devisar”, os de “ver” e “examinar”. [V/N]
- <sup>435</sup> “Desprende um riso”, em B. [V]
- <sup>436</sup> “Que n’alma vem,” em B. [V]
- <sup>437</sup> “De envolta em flores,” em A. [V]
- <sup>438</sup> “Eis o teu bem”, em A. [G]

- <sup>439</sup> “Amo a virtude,” em A. [V]
- <sup>440</sup> “Vem d’alma o canto”, em B. [V]
- <sup>441</sup> As seis estrofes finais do poema, em versos tetrassílabos, vêm, em B, deslocadas para a direita. A primeira, a terceira e a quinta apresentam um deslocamento maior do que a segunda, a quarta e a sexta. Em A, todas essas estrofes do poema apresentam o mesmo deslocamento para a direita, estando todas alinhadas entre si, pela esquerda. [N]
- <sup>442</sup> “Enramada de flores.”, em B. [V]
- <sup>443</sup> “Teu sol radia sem fanar-te a graça,” em A. [V]
- <sup>444</sup> “Celebra os teus dotes soberanos”, em A. [V]
- <sup>445</sup> “Da fresca juventude:”, em A. [V]
- <sup>446</sup> “Assim o alción por entre escolhos”, em A. [V]
- <sup>447</sup> “Choro os meus dias, conto-te os momentos”, em A. [V/G?]
- <sup>448</sup> “Da renovada aurora,” em A. [V]
- <sup>449</sup> “Escuta: – a fonte da vida”, em B. [V]
- <sup>450</sup> “O caminho é branco e rude,” em B. [V?/G?]
- <sup>451</sup> “Que a pátria da felicidade”, em A. [V]
- <sup>452</sup> “Sê tu a mais bela flor”, em B. [G]
- <sup>453</sup> As seis estrofes finais do poema, em versos heptassílabos, vêm, em A, deslocadas para a direita, todas alinhadas entre si. Em B, a primeira, a terceira e a quinta estão alinhadas à esquerda; apenas a segunda, a quarta e a sexta apresentam-se deslocadas para a direita. [N]
- <sup>454</sup> “Contando apenas da existência uma hora.”, em B. [V]
- <sup>455</sup> “De um berço a orla foi meu horizonte:”, em B. [V]
- <sup>456</sup> “Banhei as asas na sagrada fonte”, em B. [V]
- <sup>457</sup> “Eu vou depor nas mãos de Pai mais terno”, em B. O artigo indefinido contribui para a figuração da oposição entre o Pai celeste e o pai terreno. [V/N]
- <sup>458</sup> “E terei como berço nuvem d’ouro,” em B. [V]
- <sup>459</sup> “Ali deitado ao pés da Divindade”, em A. [V]
- <sup>460</sup> “Traçam-se em luz, da morte vãos horrores;”, em B. O verso é, nesta lição, do ponto de vista semântico, inadequado, com relação ao sentido do poema. [V/N]
- <sup>461</sup> Este poema vem apenas em B. [N]
- <sup>462</sup> Este poema vem apenas em B. [N]
- <sup>463</sup> Este verso não traz ponto final. Esta é a segunda intervenção feita por nós na pontuação. Cf. nota 298. [N]
- <sup>464</sup> Este poema vem apenas em B. Ao pé da página, traz a seguinte nota, que vem grafada em itálico: “Faltando a última estrofe, infelizmente destruída pelos temporais.” [N]
- <sup>465</sup> Este poema vem apenas em B, com a seguinte nota sotoposta: “Delírio do poeta, à hora da morte.” [N]

- <sup>466</sup> Este poema vem apenas em B. Ao pé da página, entre parênteses, pode-se ler a seguinte informação: “Versos do Dr. Aureliano José Lessa, escritos a lápis na parede da sala de uma casa em que morou em S. Paulo – no Bairro da Soledade”. [N]
- <sup>467</sup> Este poema vem apenas em B. Agripa de Vasconcelos informa que ele foi composto ao tempo em que Aureliano Lessa era promotor público em Conceição do Serro. Segundo ele, os alunos do Prof. Inocêncio Augusto de Carvalho foram à casa do Juiz de Direito, Dr. Mares Guia, para que lhes servisse de padrinho junto ao professor e intercedesse por eles. Encontrava-se na casa do juiz, no momento da visita, o promotor Aureliano, que, a pedido do magistrado, escreveu a “Décima” de improviso. [N]
- <sup>468</sup> “Logo que centelha”, em B. [V]
- <sup>469</sup> “desemblantes”, em A. [G]
- <sup>470</sup> Em B não há o artigo definido “o”. O travessão não vem em A nem em B. [N/V]
- <sup>471</sup> Em B não há o artigo definido “o” nem o travessão. [N/V]
- <sup>472</sup> Vírgula, em A. [N/V]
- <sup>473</sup> “alabroando-se”, em B. [G]
- <sup>474</sup> Vírgula, em A. [N/V]
- <sup>475</sup> Em B, a vírgula foi substituída por travessão. [N/V]
- <sup>476</sup> Sem pontuação, em B. [N/V]
- <sup>477</sup> “platão”, em B. [G]
- <sup>478</sup> Travessão, em A e em B, depois do ponto final. [N/V]
- <sup>479</sup> “do corpo e espírito”, em B. [V]
- <sup>480</sup> Vírgula, em A. [N/V]
- <sup>481</sup> Travessão, em A, depois do ponto final. [N/V]
- <sup>482</sup> Vírgula, em A. [N/V]
- <sup>483</sup> Sem vírgula, em B. [N/V]
- <sup>484</sup> Apenas reticências, em A. [N/V]
- <sup>485</sup> “levantou-se”, em B. [G]
- <sup>486</sup> Sem vírgula, em B. [N/V]
- <sup>487</sup> “nos”, em B. [V]
- <sup>488</sup> “enloquecido.”, em B. [C]
- <sup>489</sup> Em B não há o artigo definido “o”. [N/V]
- <sup>490</sup> Em B não há a conjunção “e”. [N/V]
- <sup>491</sup> As palavras “Fé”, “Esperança” e “Caridade”, em A, vêm grafadas com iniciais minúsculas, neste e no parágrafo anterior. [N/V]
- <sup>492</sup> Travessão, em A, depois do ponto final. [N/V]
- <sup>493</sup> A palavra “Cruz”, em A, vem grafada com inicial minúscula. [N/V]

## APÊNDICES

# I AURELIANO LESSA<sup>1</sup>

As breves linhas que vou traçar a respeito de Aureliano José Lessa, não são uma biografia, nem a isso podem ter pretensão. Falecem-me os dados indispensáveis para contar por miúdo a vida do ilustre poeta diamantino, tomando-a desde o berço e acompanhando-a passo a passo até o túmulo.

Fui companheiro e amigo do poeta durante a vida acadêmica; marchei por alguns anos de par com ele em sua curta peregrinação por este mundo. Tive, pois,<sup>2</sup> tempo bastante e ocasiões de sobra para conhecer-lhe a índole e os costumes, as tendências de seu espírito, o quilate de seu talento superior e as belas qualidades que lhe adornavam o nobre e generoso coração.

Meu empenho, portanto, não é contar a vida do poeta, mas simplesmente esboçar-lhe o retrato, do modo<sup>3</sup> o mais fiel e completo que me for possível.

Demais, a vida de um poeta, principalmente de um poeta como Aureliano Lessa, vida simples, descuidosa, sem ambições, sem aspiração alguma, nem mesmo a da glória, que episódios, que peripécias pode oferecer, que interessem ao público?

Sua vida está em suas impressões íntimas, nas cismas de sua alma, nos arroubos de sua imaginação, nas vibrações de sua sensibilidade.

Disso tudo, o que não se passou puramente nas vagas regiões do devaneio, o leitor aí vai encontrar, vivo e fiel reflexo, nas animadas e formosas composições do poeta. O mais foi um contínuo esbanjar das horas da vida, rindo e cantando; – um incessante e

---

<sup>1</sup> Este texto de Bernardo Guimarães foi publicado em A (p.V-XVIII) e em B (p.III-XII). Em ambas as edições a atribuição de autoria vem ao final do texto. Em B, sob o nome do poeta, entre parênteses e em itálico, vem a seguinte observação: "Da primeira edição muito defeituosa e incorreta".

<sup>2</sup> Em A, a conjunção "pois" não vem precedida nem seguida de vírgula.

<sup>3</sup> Em B: "de modo".



descuidoso despencar de flores sobre o lóbrego e vertiginoso<sup>4</sup> vórtice, que rapidamente o ia conduzindo ao túmulo.

Nasceu Aureliano José Lessa em 1828, na cidade da Diamantina, nessa região do Norte de Minas<sup>5</sup> tão fecunda em pedras preciosas, como em talentos superiores. Estudou preparatórios no Seminário de Congonhas do Campo, onde, graças à lucidez e prontidão de sua inteligência, unidas a uma memória das mais felizes, fez rápidos progressos. Aí, parece que se deu ao estudo com mais aplicação e assiduidade<sup>6</sup> do que nos cursos superiores, pois em matérias preparatórias possuía larga e sólida instrução.

Transportado a S. Paulo, apenas saído da infância, a fim de frequentar o curso jurídico, sua vida acadêmica foi um longo delírio infantil, um incessante devaneio poético. Achava ele então em São Paulo<sup>7</sup> um círculo numeroso de moços apaixonados pela poesia, no meio dos quais não podia deixar de dar larga expansão ao seu extraordinário gosto pelas belas-lettras.

A paixão pela poesia e pela literatura amena distraía por demais naquela época a mocidade acadêmica de seus estudos escolares. Aureliano, Álvares de Azevedo, José Bonifácio, Cardoso de Meneses, Silveira de Sousa, Paulo do Vale, Ferreira Torres, Lopes de Araújo, o português<sup>8</sup> Agostinho Gonçalves, e vários outros manebos, entre os quais se contava também o autor destas linhas, eram como um bando de canários, que perturbavam com seus<sup>9</sup> constantes gorjeios os severos estudos dos alunos de Têmis: eram uma verdadeira Arcádia no seio da Academia.

No meio dessa plêiade de cantores, o gaturamo da Diamantina não podia ficar mudo. Graças à sua fácil inteligência, poucas horas bastavam a Aureliano para desempenhar os seus deveres escolásticos; o resto do tempo dissipava-o ele alegremente em convivências e palestras, improvisando estrofes fugitivas, ou discutindo literatura entre seus amigos.

<sup>4</sup> Vírgula, em A.

<sup>5</sup> Em A e em B: "norte de Minas".

<sup>6</sup> Vírgula, em A.

<sup>7</sup> Em A: "S. Paulo".

<sup>8</sup> Em A e em B: "o Português".

<sup>9</sup> Em B: "com os seus".

Nas polêmicas e certames acadêmicos a palavra lhe borbotava dos lábios com uma prontidão e abundância prodigiosa. Com a mesma facilidade com que dissertava sobre assuntos de literatura amena, embrenhava-se também com incrível volubilidade nos mais intrincados labirintos da metafísica. Como todos os espíritos dotados de compreensão extremamente fácil, mas a quem falta a calma e paciência necessárias para refletir, tomava sofregamente as primeiras intuições de sua inteligência como verdades irrecusáveis, e assim por vezes de erro em erro era levado aos mais estranhos paradoxos, que ele todavia não deixava de defender com o acento da mais íntima convicção, e com uma dialética inesgotável em recursos.

Essa mania do paradoxo, e o gosto de metafisicar, – deixem passar a expressão, – o emaranhavam às vezes em tal confusão de raciocínios, que o tornavam completamente ininteligível.

O pendor de seu espírito para as concepções transcendentais da filosofia reflete-se até em algumas de suas composições poéticas, nas quais o conceito é por vezes tão sutil e alambicado, que prejudica grandemente a clareza.

Aureliano tomou o grau de bacharel<sup>10</sup> em Olinda, em 1851.

Deixando os bancos acadêmicos, a sua norma ordinária de viver em nada se alterou. Continuou sempre o mesmo, sempre alegre e despreocupado, olhando com indiferença o presente, bom ou mau, e completamente descuidado do futuro. O gênio folgazão e imprevidente da puerícia parecia nunca mais querer abandoná-lo. Era sempre a mesma criança travessa, espirituosa, volúvel e doudejante.

Epicurista por natureza, Aureliano queria passar a vida em um contínuo festim.

Não vá, porém, o leitor pensar que era ele um desses sensuálistas libertinos e descridos, como os que a imaginação de Byron criou à sua própria imagem e semelhança, ou um conviva crapuloso das tascas e dos bordéis, como esses que Álvares de Azevedo, exagerando Musset, tanto folgava de esboçar, desperdiçando em tão monstruosas criações as brilhantes cores de sua rica palheta.

Não; Aureliano não tinha parentesco algum com D. Juan, nem tampouco com J. Rolla, e muito menos com Bocage.

---

<sup>10</sup> Vírgula, em A.

Era um epicurista *sui generis*.<sup>11</sup> Suas orgias, se orgias se podem chamar, nunca tinham por teatro o lupanar ou a casa de jogo, ou outro qualquer lugar de devassidão e crápula grosseira. Eram delírios galhofeiros em roda da mesa, em companhia de alguns poucos amigos. O fumo dos vinhos eles os evaporavam rindo, cantando, poetizando, ou em passatempos, não direi escolásticos, mas quase infantis.

Era uma devassidão do espírito – se assim me posso exprimir – jovial e inofensiva, e não os gozos de sensualismo material. Eram – desculpem-me, se repito tantas vezes a frase que melhor o caracteriza – eram orgias de criança.

Apenas deixou os bancos da Academia, Aureliano foi nomeado procurador fiscal da Tesouraria Geral de Minas, e teve de estabelecer sua residência em Ouro Preto. Não se lhe podia dar emprego menos consentâneo com sua índole e caráter.

Desterraram o cisne, que ama os lagos azuis e os vargedos florescidos, para a crista de um rochedo árido e escaldado. A diplomacia, o magistério, a magistratura mesmo, teriam por certo rasgado para ele horizontes de melhor futuro, que não esse, talvez o mais árduo, o mais espinhoso, o mais enfadonho e prosaico de todos os empregos.

Assim desempenhou-o ele como poeta, ou antes como criança.

Foi curto e estéril esse período de sua vida, que, se me não engano, não durou mais que um ano.

Dai partiu ele para sua terra natal, acabrunhado e abatido por incômodos físicos, mas sempre com o mesmo espírito cintilante de jovialidade, com a mesma serenidade e descuido infantil.

Dessa data em diante não sei relatar os passos que o nosso poeta deu na vida; sei só que continuou sempre o mesmo gênero de vida, cantando, brincando, fazendo versos, e consagrando pouco tempo à advocacia, de que tirava alguns recursos para a subsistência, até que faleceu a 21 de fevereiro<sup>12</sup> de 1861, na cidade da Conceição do Serro.

Aureliano teria sido um dos mais fecundos e brilhantes poetas de nossa época, se várias circunstâncias, algumas das quais inerentes à sua própria natureza, não o tivessem feito declinar da órbita elevada que o seu grande talento lhe traçava, se sua débil

<sup>11</sup> Em A: "*sui generis*".

<sup>12</sup> Em A e em B: "Fevereiro".

organização física pudesse resistir às cruéis provações a que o poeta como de capricho a sujeitava.<sup>13</sup>

Aureliano, como já disse, parecia não fazer caso algum da glória, e muito menos da vida e da saúde. Escrevia e improvisava versos por passatempo, e porque rendia às musas fervoroso culto. Havia nele um tal desapego da existência, uma tão completa indiferença pelo seu destino presente e futuro, que é difícil de explicar.

Esse estado da alma não era por certo resultado de exaltação mística, nem de um filosofismo elevado como o de Sócrates; o espírito ligeiro e brilhante de Aureliano, posto que fosse crente e acessível ao sentimento religioso, nenhum pendor revelava para as contemplações ascéticas, e nem se ocupava em refletir sobre a niilidade desta vida, nem sobre as glórias da outra. Também não podia provir de nenhum desalento profundo, de nenhuma oculta mágoa que o desgostasse da vida; sua fisionomia sempre jovial, franca e expansiva excluía toda a idéia de sofrimentos íntimos, e aquele seu natural desdém pela existência não pode ser explicado senão por uma singular disposição de seu organismo excepcional.

Foi em virtude dessa estranha disposição de espírito, que Aureliano nunca se esforçou em cultivar regularmente sua bela inteligência, nem explorou convenientemente a rica lavra de seu talento poético, e só tratou de ir desfolhando alegre e indiferentemente a flor dos anos sobre a torrente rápida dos tempos.

Nesta breve notícia não me é dado também fazer, como desejara, nem uma ligeira apreciação do talento poético do meu finado amigo. Há tanto tempo, – há quase vinte anos! – não converso com aquela formosa e delicada musa, que me era tão familiar!... Tenho dela apenas uma reminiscência confusa, como um eco débil e saudoso, que me vem de longes margens.<sup>14</sup> Suas poesias ele as ia entornando por aí como flores perdidas, que não queria mais apanhar, e teriam de desaparecer irremissivelmente envoltas no pó do olvido, se o digno irmão do poeta, o Sr. Francisco Lessa,<sup>15</sup> não se encarregasse de as ir apanhando, com grande esforço e trabalho, uma aqui, outra acolá, na poeira do caminho, por onde o autor as foi deixando,

<sup>13</sup> Em B: "a que o poeta de capricho a sujeitava."

<sup>14</sup> Em B: "como eco débil e saudoso, que vem de longes margens."

<sup>15</sup> Em B: "o sr. Francisco Lessa,".

para delas formar uma formosa grinalda, digna de lugar distinto no templo da literatura nacional.

Essa mesma coleção não tenho diante dos olhos, e não me atrevo portanto a aventurar desde já apreciação alguma, fiando-me somente em impressões vagas e obscuras de épocas tão remotas.

Espero a publicação dela para avivar minhas impressões, e então enunciar inteiro o meu sentimento a respeito das belezas e defeitos do ilustre poeta diamantino.

Posso todavia dizer desde já que Aureliano Lessa, além de alçar-se com sucesso aos gêneros<sup>16</sup> os mais graves e elevados, primava também nas cançonetas, e em toda a espécie<sup>17</sup> de poesias fugitivas.

Ele as compunha a granel, mimosas, delicadas, feiticeiras.

Qualquer impressão, qualquer incidente, qualquer lembrança lhe inspirava instantaneamente deliciosas coplas, ou esquisitos ditirambos. Creio que esses ligeiros sorrisos de sua fantasia, multicolor como o íris, infelizmente se perderam pela maior parte.

Posto que nada soubesse da arte do solfejo, gostava sumamente da música, cantava e tocava violão, e ele mesmo inventava melodias para suas lindas composições eróticas.

Muitas formosas *modinhas*, que hoje ainda são populares, são – música e letra – da lavra de Aureliano Lessa.

Tais são, entre outras muitas, a maviosa canção em *décimas*, que se intitula: – *Lembranças do nosso amor*.

E essa outra cantiga tão suave e melancólica, que começa por esta endecha:

Deixei, de insônia cercado,  
O meu solitário leito,  
Para vir contar-te, ó noite,  
As angústias de meu peito.

Muitas e muitas canções ele compunha neste gênero, e largando a pena que acabava de escrever as coplas, ia tentear as cordas do violão para pô-las em música.

<sup>16</sup> Em B: “a gêneros”.

<sup>17</sup> Em B: “em toda espécie”.

A vida é curta; quem nega?  
Nem vale a pena dizê-lo:  
Deus a quebra entre os seus dedos  
Como um fio de cabelo.

Ri, criança; a vida é curta,  
Sonho, que dura um instante;  
Depois o cipreste esguio  
Mostra a cova ao viandante.

A velhice tem saudades  
De suas visões passadas;  
A mocidade queixumes,  
E só a infância risadas.

Ri, criança: etc.

Esta última composição era o seu estribilho predileto, era o hino do seu coração.

Aureliano tinha a tez<sup>18</sup> ligeiramente morena. Seu belo rosto era de perfeito oval, e da mais severa regularidade: linhas curvas e suaves, nariz à grega, rosto proeminente, testa larga e chanfrada, mas pouco elevada – característico de espírito irrefletido e impaciente. – Era isto com efeito o que constituía a base do seu caráter, e dir-se-ia que ele não gostava da vida, porque não tinha paciência de viver. Os cabelos,<sup>19</sup> finos e corridos, não eram bem negros, nem castanhos, mas de uma cor especial, tirando a cinzento escuro; os olhos grandes, cintilantes e da mais completa negridão. Era de estatura menos que mediana, mas bem feito, delicado e esbelto de forma.

Não me consta que tivesse amores sérios, mas rendia à amizade o mais fervoroso e sincero culto.

Era franco e generoso além de toda a medida;<sup>20</sup> seu coração era<sup>21</sup> tesouro de bondade, nobreza e lealdade.

\* \* \*

<sup>18</sup> Em B: “tinha tez”.

<sup>19</sup> Sem vírgula, em A.

<sup>20</sup> Em A, “além de de toda a medida;”; em B, “além de todo a medida;”.

<sup>21</sup> Em B, falta este verbo – “era”.

*Hélas! je n'ai point vu ce séjour enchanté,  
Ce beau ciel, où il a tant de fois chanté!*

Ei-los, – os belos encantados sítios,  
O ceú puro e risonho,<sup>22</sup>  
Que o viram nascer e que o embalaram  
Em seu primeiro sonho.

Foram estes os campos que na infância  
Os olhos lhe arroubaram,<sup>23</sup>  
Estes os céus que os vívidos fulgores  
Na mente lhe entornaram.

Aí nutriu a fantasia ardente  
De imagens fulgurantes,  
Ao murmúrio do córrego, que rola  
Rubis e diamantes.

Aí também, depois de longamente  
Peregrinar no mundo,  
Sentiu cansaço e tédio da existência  
E desprazer profundo.

E ainda no verdor dos belos anos  
O meu saudoso amigo,<sup>24</sup>  
Sorrindo de desdém, foi reclinar-se  
No último jazigo.

\*

Seu gênio era tão límpido e brilhante  
Bem como o diamante  
De seu país natal,  
Impetuoso como a catarata,  
Que tomba e se desata  
Pelo profundo val.

<sup>22</sup> Em A: "O céu, puro e risonho,".

<sup>23</sup> Em A: "Os olhos lhe arroubaram,".

<sup>24</sup> Em A: "O meu saudoso amigo".

Da pátria sua as fontes e os rochedos  
Melódicos segredos  
Nos lábios lhe infiltraram:  
E as fadas dos arroios diamantinos  
Mil delicados hinos  
Sorrindo lhe ensinaram.<sup>25</sup>

A negra pertinaz melancolia  
Longe de si bania  
Tangendo a doce lira;  
Se algum pesar a mente lhe roçava,  
As asas lhe queimava  
Da inspiração na pira.

Mas nem somente a musa galhofeira<sup>26</sup>  
Alegre e prazenteira  
Vinha inspirar-lhe o canto:  
Ah! quantas vezes, quantas, sobre a lira  
O Bardo não sentira  
Correr acerbo pranto!

Outras vezes, rasgando etéreos véus,<sup>27</sup>  
O arrebatava aos céus  
Valente inspiração;  
Então, não era mais simples poeta:<sup>28</sup>  
Falava qual profeta  
A Deus e à criação!

Sua bela alma nunca a vi vazia  
De amor, de poesia,  
E nobres sentimentos.  
Se alguma dor o seio seu ralava,<sup>29</sup>  
Para si só guardava  
As penas e os tormentos.

<sup>25</sup> Em B: "Sorrindo lhe ensinaram".

<sup>26</sup> Em B: "Mas sem somente a musa galhofeira".

<sup>27</sup> Em A: "Outras vezes rasgando etéreos véus".

<sup>28</sup> Em A: "Então não era mais simples poeta;"

<sup>29</sup> Em B: "Se alguma dor e seio seu ralava,".



Rindo e cantando perpassou de leve  
Da vida o espaço breve,<sup>30</sup>  
Luzente meteoro:  
Rindo e cantando foi para o jazigo  
O tão saudoso amigo  
Por quem té hoje choro.

*Bernardo Guimarães*

---

<sup>30</sup> Em A: "Da vida espaço breve".

## II

# CARTA DO PE. SEVERIANO<sup>1</sup>

Lessa

Ao traçar estas linhas, é meu vivo e mui sincero desejo que elas o encontrem e a toda a sua Exma. Família<sup>2</sup> gozando saúde e as melhores felicidades em Nosso Senhor.

Em resposta à sua estimada missiva de 15 do corrente, comunico-lhe, não sem pesar, que atualmente me é de todo impossível evocar e coordenar os pensamentos, juízos e apreciações que escrevi já há bastantes anos, acerca de seu irmão e primoroso poeta mineiro, o Dr. Aureliano Lessa,<sup>3</sup> a quem muito conheci, quando iniciava meus estudos secundários na terra que me foi berço, e em cujo seio repousam os restos mortais do inspirado e saudoso vate diamantinense.

Muito me ufanara de poder contribuir com algum subsídio para a biografia de seu digno irmão, se me não vedasse de o fazer o motivo que acima deixo tocado.

Estimarei imenso que desta vez consiga dar à publicidade as tão várias quanto mimosas produções com que aquele dileto e privilegiado filho das musas elevou tão alto os créditos literários e o áureo renome da sua terra natal.

Pedindo que me desculpe a falta cometida, subscrevo-me seu, muito d'alma,

amigo e servo obrgm.

*Pe. Severiano*

Julho, 27 de 1908.

---

<sup>1</sup> Esta carta vem em B (p.XIII), grafada em itálico.

<sup>2</sup> No texto: "exma. família".

<sup>3</sup> No texto: "dr. Aureliano Lessa,".

### III

## PREFÁCIO<sup>1</sup>

Poucos já restam dessa geração romântica de 1850, que evocou às margens do Tietê e do Tamanduateí os suspiros de Byron, os devaneios de Vigny, Musset e Lamartine, os arroubos de Hugo...

Bem pouco também resta dessa velha Paulicéia heróica, tão cheia de sonhos e lendas acadêmicas, hoje convertida em cosmópolis industrial, onde o estudante, outrora senhor absoluto, se perde anonimamente no mundo burguês.

Foi dessa geração e nesse teatro que apareceu Aureliano Lessa, poeta como Álvares de Azevedo e Bernardo Guimarães, com os quais formava a trindade do Parnaso Acadêmico.<sup>2</sup> Menos erudito que Azevedo, Aureliano lhe era superior como poeta na espontaneidade e cadência dos versos, quase todos sugestionados pela melodia musical, que os fazia tão queridos dos cantores de serenata.

Aureliano, como Bernardo Guimarães, não se preocupava de ser erudito; a metafísica torturante, que enfebrecia as vigílias do bardo fluminense, deixava, apenas, no espírito dos dois vates mineiros uma tênue dose de filosofia para auréola das lucubrações poéticas, dose em todo o caso indispensável, na época, para temperar o ceticismo elegante do *lord*<sup>3</sup> poeta.

Aureliano escreveu muito durante o pouco tempo que viveu. De todo o seu acervo literário restam as poesias que compõem este livro: as outras, que o autor não inutilizou, andam na memória popular e moduladas no violão nas serenatas ao luar.

Um irmão do poeta reuniu em volume algumas, há anos; outro irmão agora as reedita juntando-lhes novas composições. É possível

---

<sup>1</sup> Este "Prefácio" de Augusto de Lima vem apenas em B (p.XV-XVIII), todo grafado em itálico. A indicação de autoria vem ao final do texto.

<sup>2</sup> No texto: "Parnaso acadêmico".

<sup>3</sup> No texto: "lord", sem grifo.

que a crítica rigorosa das novas escolas de poesia aponte nelas alguns senões de forma. O que, porém, ninguém deixará de admirar e estimar em Aureliano Lessa é a simplicidade e elegância do canto, cujo ritmo dolente traduz de modo tão característico o temperamento mineiro.

Ninguém lerá sem simpática ternura as singelas quadras em que descreve a sua cidade natal, os sítios da sua infância, os episódios da sua descuidosa mocidade. Haverá alguém que já não tenha ouvido, com saudoso encanto, a modinha<sup>4</sup>

“Por entre as trevas da noite  
Que cercam minha existência...”

Esta e outras do mesmo gênero ficarão na memória popular brasileira como as de Béranger na francesa, enquanto muitas obras-primas do parnasianismo de lá e de cá permanecerem ignoradas ou incompreendidas do vulgo. Entretanto, o vulgo é que mais contribui para a imortalidade dos poetas.

Aureliano escrevia principalmente para o povo, se é que ele não se preocupava simplesmente com as suas próprias impressões, dando-lhes a forma que mais convinha ao meio simples em que veio viver.

É raro em seus versos, o que hoje é comum em todos os poetas bons e maus, o modo requintado e analítico de traduzir o pensamento. Ele preferia as fórmulas gerais mais simples, mais da feição do povo.

Vivendo hoje, teria outra forma, a da poesia culta e erudita.

Creio, contudo, que mesmo em versos brancos, dificilmente se escreveria hoje melhor do que isto:

*“Quando, após longa e pensativa pausa,  
– Eu te amo – dizem teus sonoros lábios,  
Baixa do céu e pousa na minha alma  
Uma nuvem de ofertas tão suaves,  
Como de um sonho os mágicos eflúvios...  
Em extasis me embebo, e nem meus lábios<sup>5</sup>  
Podem ao menos sussurrar  
– Eu te amo!*

<sup>4</sup> Ponto final, no texto.

<sup>5</sup> Ponto final, no texto.

*A tua voz percorre as minhas veias,  
Banha-me o coração, cerca minha alma,  
Enleia-me a existência e – teu escravo –  
Sofro, gemo, desvaio, e quase expiro...”*

Podia citar mais, se não fosse o receio de alongar este prefácio.

Pouco, aliás, importa isto ao renome do poeta diamantinense, cujas produções vivem e ainda hão de viver muito na memória de seus patrícios.

*Augusto de Lima*

## IV

### A MORTE DE AURELIANO JOSÉ LESSA<sup>1</sup>

Da morte a palidez lhe tinge o rosto!...  
Nessa fronte inspirada, em que do Eterno  
A destra onipotente e grandiosa,  
Em traços imortais, escreveu – gênio –  
Já não luz do talento a flama etérea;  
Brilhou, qual brilha o sol em dia estivo,  
E depois, como sombra vaporosa,  
Passou, sumiu-se na amplidão do espaço...  
Mas não de todo, dos sonoros carmes  
Ainda ecoam primorosas notas,  
Como mágicos sons duma harpa eólia.  
Cantor, passaste aqui qual peregrino...  
Cansado de sofrer dum modo ingrato,  
Que a estrela da esperança anuviou-te,  
Sobre o primeiro marco do caminho.  
Adormeceste enfim, pobre exilado...  
E as mimosas canções, que te ensinaram  
Os anjos teus irmãos em magos sonhos,  
Rota a prisão, que agrilhoava o gênio,  
Lá no seio de Deus em doce arroubo  
Tu repetes aos sons de etéreas harpas!  
Dorme, cantor, ninguém teu sono turbe...  
As brisas melancólicas da tarde  
Pela falda do monte murmurando  
Ao pátrio Itambé dirão teu nome,  
Dos teus, de estranhos abençoado e qu'rido!

<sup>1</sup> Este poema vem apenas em B, num “Apêndice” (p.155-158), com a indicação de autoria no fim do texto.

O martírio da saudade,  
Os rigores<sup>2</sup> da orfandade  
Não quiseste mais sofrer;  
Não tinhas a mãe querida,  
Tua crença, amor e vida  
Não quiseste mais viver.

Quando o gênio num delírio  
Vai arrostar o martírio  
De nos festins se assentar,  
O mundo, que o crê ditoso,  
Não sabe que em vez de gozo,  
Ele a morte vai buscar.

Coa mente transpondo o espaço  
Muitas vezes num abraço  
Com enlevo te apertei:  
Quisera mandar-te a calma,  
Da esperança ornar coa palma  
Tua frente, ó vate-rei.

Quisera, bem que distante,  
Em teu pálido semblante  
Imprimir da vida a cor:  
Mas ah! – dirias – é tarde,  
Minha alma em desejos arde  
De descansar no Senhor.

Quisera dizer-te: – espera,  
Surge leda a nova era  
De crença, fervor e luz;  
Uma plêiade valente  
Quer unir sincera e crente  
A liberdade da cruz.

---

<sup>2</sup> No texto: “rigoros”.

Quisera dizer-te: – é cedo  
Para da morte o segredo  
Ir na campa decifrar:  
Quisera dizer-te: – ó vate,  
Soa a hora do combate,  
É forçoso pelejar...

Porém, ah! quando o desgosto  
Faz emurchecer no rosto  
Da ventura a esp'rança, a flor,  
A fronte pende abatida,  
Como a planta esmorecida  
Do sol faltando o calor.

Cantar e sofrer é a sina do vate,  
Destino imutável, seu fado e condão:  
Cantaste, sofreste, mortal inspirado,  
Na terra cumpriste a tua missão!

Aceita meu canto, não pude na vida  
Feliz apertar-te a destra leal:  
Amei-te nas trovas, que tu modulaste  
Aos doces acordes da lira imortal!

*Padre D. P. de Oliveira*



V  
MEUS VOTOS<sup>1</sup>

Que me importa o ruído da glória  
Sobre o carro doirado correndo,  
E dos homens viver na memória,  
Quando estou mesmo vivo morrendo?

Essa glória que vedes fulgindo  
É a morte trajada de brilhos.  
Sobre a campa sorrisos fingindo  
E chamando os heróis por seus filhos.

Venha a morte, eu não vou procurá-la;  
Mas coa vida o meu nome devore;  
Um fantasma vestido de gala  
Minha urna de cinzas não chore.

Que me importa o ruído da glória?...  
Antes quero o silêncio da campa...  
Ah! dos meus sofrimentos a história  
Em que peito, em que livro s'estampa?!

Sempre aos deuses pediram meus votos  
Pouca sombra, o silêncio, uma lira,  
Uma gruta em lugares remotos,  
E o amor qu'estes votos me inspira...

---

<sup>1</sup> Esta é a versão do poema "Desprezo à glória" publicada por Péricles Eugênio da Silva Ramos em *Poesia romântica: antologia* (São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 182). A fonte utilizada por ele foi a obra de Pires de Almeida *A escola byroniana no Brasil* (São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1962, p. 116).

Mas em vão busca amor a minha alma;  
Em seu ermo ela está merencória...  
A mim, pois, que feneço na calma,  
Que me importa o ruído da glória?

# VI

## ÍNDICE DA PRIMEIRA EDIÇÃO

LESSA, Aureliano. *Poesias póstumas*. Rio de Janeiro: Tipografia da Luz, 1873.  
[Editadas por seu irmão Francisco José Pedro Lessa]

Título	Pág.
Aureliano Lessa [por Bernardo Guimarães].....	V
O poeta.....	1
Tristeza.....	5
Eu.....	7
Desesperança.....	9
A Diamantina (“Vês lá na encosta do monte”).....	12
Saudade.....	15
Consolação na morte.....	16
O que é amor?.....	18
A Diamantina (“Vede a ninfa serrana! Ela se inclina”).....	21
O poeta agonizante.....	23
Mensagem.....	27
À tarde.....	31
Leviana.....	36
O sol.....	38
Amargura.....	42
O eco.....	44
A criação.....	48
Hino da criação.....	53
A rosa branca.....	57
Desengano.....	59
Soneto (“Há tormentos sem nome, há desenganos”).....	61
Canção.....	62
A... ..	64
À morte de um passarinho.....	67
Duas auroras.....	69
A minha estrela.....	72
Ciúmes.....	74
A uns anos.....	75
Desprezo à glória.....	78
Mote/Glosa.....	79
Tu.....	82

Soneto ("Faço timbre uma vez de aborrecer-te,").....	84
No túmulo de um infante.....	85
Ela.....	86
Aos anos de uma senhora.....	88
Extasis.....	91
Entusiasmo.....	92
A minha Rosa.....	95
Só se pode amar no céu.....	99
Despedida.....	102
Canto de amor.....	104
À noite.....	108
Consolação.....	109
Último canto do Anacoreta.....	112
Desengano.....	114
Gratidão.....	116
Queixa.....	117
Visão.....	119
Índice.....	123

# VII

## ÍNDICE DA SEGUNDA EDIÇÃO

LESSA, Aureliano. *Poesias póstumas*. Belo Horizonte: Beltrão & Comp., 1909.  
[Colecionadas por seus irmãos Francisco Lessa (falecido) e Joaquim Lessa]  
[2ª edição muito mais correta e aumentada]

Título	Pág
Aureliano Lessa [por Bernardo Guimarães].....	III
Lessa [carta do Pe. Severiano].....	XIII
Prefácio [por Augusto de Lima].....	XV
O poeta.....	3
Tristeza.....	7
Eu.....	9
Desesperança.....	11
A Diamantina (“Vês lá na encosta do monte”).....	15
Saudade.....	19
Consolação na morte.....	21
Que é amor?.....	23
A Diamantina (“Vede a ninfa serrana! Ela se inclina”).....	27
O poeta agonizante.....	29
Mensagem.....	33
À tarde.....	37
Leviana.....	43
O sol.....	45
Amargura.....	49
O eco.....	51
Décima (Improviso).....	55
A criação.....	57
Hino da criação.....	63
A rosa branca.....	67
Desengano.....	69
Soneto (“Há tormentos sem nome, há desenganos”).....	71
Canção.....	73
A... ..	75
À morte de José Jacinto (Diamantina).....	77
À morte de um amigo (Soneto).....	79
Nas carneiras da Igreja de S. Francisco de Assis, em Diamantina.....	81
À morte de um passarinho.....	83
Duas auroras.....	85

A minha estrela.....	89
Ciúmes.....	91
A uns anos.....	93
Desprezo à glória.....	97
Mote/Glosa.....	99
Tu.....	101
Soneto ("Faço timbre uma vez de aborrecer-te,").....	103
No túmulo de um infante.....	105
Ela.....	107
Aos anos de uma senhora.....	109
Extasis.....	113
Entusiasmo.....	115
A minha rosa.....	117
Só se pode amar no céu.....	121
Despedida.....	125
Canto de amor.....	127
À noite.....	131
Consolação.....	133
Último canto do Anacoreta.....	137
Desengano.....	139
Gratidão.....	141
Queixa.....	143
"Enxuga, Augusta, o teu pranto,".....	145
Improviso.....	147
Visão.....	149
Apêndice	
["A morte de Aureliano José Lessa", pelo Padre D. P. de Oliveira].....	153

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- ALMEIDA, Pires de. *A escola byroniana no Brasil*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1962.
- BANDEIRA, Manuel. *Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1949.
- BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970. 7v. [Edição fac-similar]
- BURTON, Richard. *Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.
- CAVALHEIRO, Edgard. *Panorama da poesia brasileira II: o Romantismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959.
- DUTRA, Waltensir, CUNHA, Fausto. *Biografia crítica das letras mineiras*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1956.
- EULÁLIO, Alexandre. Aureliano revisitado. In: *Escritos*. Campinas: Unicamp, 1992. p.195-238.
- HORACE. *Oeuvres*. Texte latin. Paris: Hachette, 1906.
- LESSA, Aureliano. *Poesias póstumas*. Rio de Janeiro: Tipografia da Luz, 1873.
- LESSA, Aureliano. *Poesias póstumas*. Belo Horizonte: Beltrão & Comp., 1909.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1978. v.2.
- MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Poesia romântica: antologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1965.
- ROCHA, Lindolfo. *Maria Dusá*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.
- ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 3ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943. v.3.
- VASCONCELOS, Agripa de. Aureliano Lessa. *Revista da Academia Mineira de Letras*, Belo Horizonte, v.4, p.155-179, 1926.
- VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Edição bilingüe. São Paulo: Melhoramentos, 1982.

Esta publicação das *Poesias* de Aureliano Lessa faz parte de um projeto filiado à linha de pesquisa "Literatura, História e Memória Cultural" que vem sendo desenvolvido por alguns professores da Faculdade de Letras da UFMG. O projeto visa ao resgate, de textos raros e/ou inéditos de autores importantes da literatura mineira, em particular, e da literatura brasileira, em geral. No cumprimento desse programa, já foram publicadas obras importantes; algumas inéditas, outras que há séculos não encontravam os olhos dos leitores. Já constam da lista das publicações: o romance *Morro Velho*, inédito de Avelino Fóscolo (Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999); o *Sermão do Mandato*, de Eusébio de Matos (Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1999), cuja primeira edição havia sido dada à luz em 1694; e as *Obras* do poeta serrano Antônio Augusto de Queiroga (Belo Horizonte: Orbó/Faculdade de Letras da UFMG, 1999), que nunca antes haviam sido reunidas em livro.

ISBN 85-87470-07-8



0 799597 170073